

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Nascemos para isso?

Um olhar fenomenológico-existencial sobre vocação e carreira

MAYARA GONÇALVES VIEIRA

Niterói, RJ
2017

MAYARA GONÇALVES VIEIRA

Nascemos para isso?

Um olhar fenomenológico-existencial sobre vocação e carreira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá

Niterói, RJ
2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

V658 Vieira, Mayara Gonçalves.
Nascemos para isso? Um olhar fenomenológico-existencial sobre vocação e carreira / Mayara Gonçalves Vieira ; orientador: Roberto Novaes de Sá. – 2017.
70 f.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia, 2017.
Bibliografia: f. 62-64.

1. Vocação. 2. Carreira. 3. Orientação vocacional. 4. Orientação profissional. 5. Psicologia fenomenológica. 6. Psicologia existencial. 7. Heidegger, Martin, 1889-1976. I. Sá, Roberto Novaes de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Mahira de Souza Prado CRB-7/6146

Banca Examinadora

Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá
Orientador – Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof^o Dr. Alessandro de Magalhães Gemino
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

A partir de inquietações sobre as práticas psicológicas no campo da Orientação Profissional e Vocacional, o presente trabalho objetiva apresentar uma proposta alternativa de intervenção quando falamos em escolhas profissionais e construção de carreira, buscando, ao invés de tutelar, corrigir e apontar caminhos, devolver aos sujeitos a responsabilidade de suas escolhas, entendendo que sempre estamos em jogo, não havendo decisões corretas e definitivas. Aliando-se ao pensamento fenomenológico-existencial, começaremos essa jornada com reflexões sobre o nosso horizonte histórico sedimentado, a partir do qual conferimos sentidos ao mundo de início e na maior parte das vezes – entendendo que a história das práticas de orientação vocacional e profissional compõem tal horizonte; em seguida apresentaremos alguns elementos e conceitos da nossa escolha teórica – a fenomenologia-existencial –, trazendo autores como Husserl, Heidegger e Feijoo para o diálogo; e por fim a proposta de intervenção segundo a Análise da Escolha Profissional, com uma breve explanação sobre pesquisa fenomenológica-existencial e o lugar de pesquisadora. Todo o percurso deste texto será costurado com as experiências do grupo terapêutico que faz parte deste projeto de pesquisa, onde 9 pessoas decidiram compartilhar suas experiências e angústias diante das escolhas profissionais e mudanças de carreira.

Palavras-chave: vocação, carreira, orientação vocacional, orientação profissional, fenomenologia-existencial, Martin Heidegger

Abstract

From concerns about the psychological practices in the field of Vocational Guidance, this paper aims to present an alternative proposal of intervention when it comes to professional choices and career building, seeking instead to correct and indicate ways, return to the subject the responsibility for their choices, understanding that we are always launched and there is no right and definitive decisions. Alluding to existential-phenomenological thought, we begin this journey with reflections about our sedimented historical horizon, from which we give meanings to the world of beginning and in most cases – understanding that the history of vocational and professional orientation practices make up such horizon; then we will present some elements and concepts of our theory – existential phenomenology –, bringing authors like Husserl, Heidegger and Feijoo for the dialogue; and finally the proposal of intervention according to the Analysis of Professional Choice, with a brief explanation about phenomenological-existential research and the place of researcher. The entire course of this text will be trespassed by the experiences of the therapeutic group that is part of this research project, where 9 people decided to share their experiences and anxieties in the face of career choices and career changes.

Keywords: vocation, career, Vocational Guidance, phenomenology existential, Martin Heidegger

Agradecimentos

Os agradecimentos desta dissertação não poderiam começar por outra pessoa diferente da minha mãe, Márcia Lima Gonçalves, que com seu apoio e incentivo incondicional, nunca duvidou da aprovação no Mestrado, nem do transcorrer da pesquisa, nem de cada passo nessa caminhada. Já não faz diferença que ela não entenda essa língua da academia, pois sempre falaremos o mesmo idioma. Obrigada, mãe. Por estar sempre junto, por ser base a partir da qual meu horizonte pôde se abrir e expandir. Por torcer, apoiar e confiar em mim nesses caminhos que invento de trilhar.

Ao meu orientador, Roberto Novaes, agradecerei em todas as oportunidades que tiver. Por me apresentar a fenomenologia-existencial, por promover deslocamentos e abertura de novos sentidos. Obrigada pela recepção no retorno à UFF, pelo acolhimento da minha vontade de querer abraçar o mundo (e de por todo ele por escrito), pela serenidade nas orientações, que vinham sempre acompanhadas de palavras certas, tornando este escrito possível.

À Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, obrigada pela inspiração. Por abrir a possibilidade de pensar carreira e fenomenologia e pelas contribuições fundamentais para que o texto ganhasse foco e tomasse forma. Obrigada pela generosidade.

Ao Programa de Pós Graduação da Psicologia, eu agradeço por viabilizar meu crescimento acadêmico, lembrando constantemente a minha responsabilidade e implicação no processo de aprendizagem e produção de conhecimento. Somos sempre atores da trama, constituindo e sendo constituído. Obrigada pelo formato, que todos os dias exercitamos e reafirmamos, ainda que nem sempre conquistemos tudo que gostaríamos.

À Maite Sartori, que nesse caminho foi estagiária querida, obrigada por tudo. Pela presença sempre atenta, pelo interesse e responsabilidade. Por topar construir junto essa pesquisa sem saber ao certo no que daria. Obrigada pela confiança, mesmo quando eu não confiava tanto assim. Pela dedicação, pelo diário de campo impecável, pelo carinho e cuidado com a pesquisa, entendendo desde o início que ela era nossa. Essas linhas não esgotam o afeto construído nesse caminhar.

À cada um dos participantes dessa aventura chamada de grupo terapêutico, obrigada pelo voto de fé. Por verem no grupo uma possibilidade para falarem das suas angústias profissionais, por acreditarem na construção conjunta do que ele se tornaria. Obrigada pela

confiança ao partilharem suas vidas, por se colocarem disponíveis e abertos. Sem vocês essa pesquisa não seria possível.

À minha turma de Mestrado, obrigada pela acolhida de sempre, pelas conversas, pelos afetos. Percorrer este caminho junto de vocês fez da caminhada mais potente e, porque não, mais alegre.

Ao Davi Akintolá Ferreira de Oliveira, que é namorado, ouvinte, conselheiro, agradeço pelas longas conversas, pela paciência, pela torcida e incentivo constante. Obrigada por partilhar da empolgação com a escrita, com a teoria e pelos comentários sempre bem-vindos. Obrigada pela parceria e por instigar sempre vãos mais altos.

Ao Leonardo Brant Junqueira, chefe querido, obrigada por ser também amigo, pelo apoio de sempre, por acreditar em mim, por viabilizar minha permanência no Mestrado e apostar na importância dessa formação junto comigo.

Por fim, agradeço aos orixás. A todos e a cada um deles por serem pais, mães, por serem abrigo e morada. Pela presença, pela força, pelo aprendizado da resiliência e diligência. Por ensinarem sempre que, quando algo é para acontecer, as forças do mundo trabalham junto com você.

“Caminhante, não há caminho
se faz caminho ao andar.”
Antônio Machado.

Sumário

1. Hoje [Prelúdio]	11
2. Parêntesis [Introdução]	15
3. O começo	17
3.1) Sobre a verdade e o método	18
3.2) Sobre a técnica (e as Práticas de Orientação Vocacional/Profissional)	21
4. A Rotina	27
4.1) Sobre o conceito de homem	30
5. Intervenções	35
5.1) Sobre a escolha e a decisão	38
5.2) Sobre o Ofício de Interpretar e o Círculo Hermenêutico	43
5.3) Sobre a Análise da Escolha Profissional e o fazer da pesquisa	48
5.3.1) Sobre o lugar de pesquisadora	51
6. Epílogo	54
Bastidores	59
Precisamos partir de algum lugar	60
Primeira reunião	62
Foi dada a largada	63
Bibliografia	64
Anexo 1 – Divulgação do Grupo	67
Anexo 2 – TCLE	67
Anexo 3 – Ficha de Inscrição	68
Anexo 4 – Dinâmica “Os caminhos até aqui”	69
Anexo 5 – Dinâmica “Das coisas que a gente diz”	70
Anexo 6 – Dinâmica “Jogo da Vida”	71

1. Hoje [Prelúdio]

A fórmula parecia simples: primeiro se descobre qual talento se tem, depois vai exercê-lo no mundo. Mas quando falamos de escolhas na vida profissional é comum os caminhos serem mais tortuosos do que isso. Primeiro nos recheamos de questões sobre quem verdadeiramente somos, quais nossas aptidões, o que sabemos ou não fazer, o que não suportamos, e quando projetamos quem queremos ser, a atuação profissional parece ser em grande parte responsável por nos ajudar a forjar essa identidade adulta, esse crachá que nos localiza no mundo.

Então acontece a escolha. Atravessada pelos mais variados motivos, ela ganha forma (às vezes precária, às vezes firme) e você vai. Começa a faculdade, o curso técnico, o primeiro emprego, enfim, vai se encontrar no e com o mundo, que está lá (por hora), à sua espera. Então você tropeça, desequilibra, o caminho não é como você esperava. Alguma coisa não está funcionando. Aquilo que você tinha certeza que era sua vocação, não é. Aquela decisão, que já não era permeada de muitas certezas, apresenta rachaduras mais sérias, que você não consegue mais ignorar ou remendar. Você chega à temida conclusão: como se não bastasse passar por todo esse processo uma vez, você teria que fazer tudo de novo, porque não deu certo, falhou.

E agora, o que fazer? Será que você deve procurar ajuda? Talvez. Afinal você não pode se dar ao luxo de errar sozinho novamente, não é mesmo? Mas de que ajuda você precisa? Orientação? Dicas? Mais informações sobre as opções disponíveis? Será que você já sabe onde foi que errou da primeira vez? Será que você errou? Muitas perguntas. Tudo muito angustiante. Talvez você precise só de espaço, ou só queira compartilhar suas experiências e angústias com outras pessoas. Seja qual for a razão, você chegou até aqui, e agora encontra com essas pessoas:

A. tem 27 anos, formada em Direito, exerce a função como tributarista. Muito bem sucedida na profissão, morava sozinha, tinha a tão sonhada independência financeira e excelente relação com família. Olhando de fora, ninguém diria que não havia felicidade ali. Mas não havia. Seu sonho de fazer Psicologia a movia profundamente, mesmo quando optou pelo Direito. Apesar de ser de uma família de magistrados e da vontade (dita em voz alta) de seu pai que ela seguisse a mesma carreira, toma para si total responsabilidade pelas suas

escolhas, mesmo se dizendo infeliz com a advocacia. Tão infeliz que decidiu largar tudo para seguir seu sonho. Desistiu do apartamento que tinha, voltou para a casa dos pais, foi trabalhar em outro lugar e se matriculou no curso de Psicologia. Está no primeiro período e com toda certeza de que é isso que quer. Diante de tanta segurança, o que será que trouxe A para nosso grupo, para compor nossa história? Segundo ela, gostaria de entender melhor todo esse processo pelo qual passou.

M. tem 23 anos e já passou da metade da faculdade de Psicologia. O problema que enfrenta é não conseguir escolher que área da Psicologia seguir, com o que atuar. Ao contrário do que geralmente acontece, a sua dúvida é porque gosta de tudo que já experimentou até o momento e não sabe como decidir. Desde o colégio ela era assim, gostava de matemática, história, geografia e nunca teve problemas com física também. Problema foi decidir qual faculdade fazer, isso sim. Sempre te falta tempo e sobram opções. O mundo diz que ela deveria fazer alguma coisa da sua vida, precisa construir algo, precisa ter sucesso. “Você é jovem, a hora é essa.” É muita cobrança e M. se diz muito indecisa com tudo na sua vida. Será que dá para fazer algo a respeito ou ela vai acabar escolhendo qualquer coisa?

D. tem 27 anos e é formado em Matemática. Desde sempre ele soube que era uma pessoa de exatas¹. Seguiu firme no caminho, fez Mestrado na sua área e foi para o Doutorado. Quando chegou lá, percebeu que não era aquilo, não queria se especializar tanto nessa área. Claro que nos ocorre: mas precisou chegar no Doutorado para descobrir isso? Por que? D. se defende, diz que ele continua sendo das exatas, que não virou de humanas nem nada, mas que não existe só a Matemática como possibilidade nessa área. O único detalhe é que agora ele não tem ideia do que fazer nesse campo. Decidiu fazer ENEM² novamente e foi aprovado, vai cursar agora Administração. Ao que parece, trata-se menos de uma decisão definitiva e mais uma aposta. Talvez os horários das aulas impeçam D de continuar no grupo.

K. tem 20 anos e cursa o 3º período de Psicologia. Segundo ela, ainda é muito nova para ter uma história para contar. Seu motivo para querer estar no grupo é porque “se inscreve em tudo que possa te acrescentar algo”. Ela deseja aprender, e deseja muito. Mas seria isso um grupo terapêutico ou um curso de extensão? Nos conta que trabalha desde os 14 anos e já

¹ Refefência comum às Ciências Exatas, que geralmente englobam disciplinas como Matemática, Física, as Engenharias, etc. Existem ainda mais dois grandes grupos, as Ciências Biológicas e as Ciências Humanas. É igualmente comum as pessoas desta última se intitularem “de humanas”.

² Exame Nacional do Ensino Médio. É a porta de entrada para a maioria das universidades do país, substituindo, nesses casos, o Vestibular.

fez muitas coisas diferentes, já concluiu um curso de cabeleleira e atuou na área. Desistiu, queria entrar numa faculdade. Psicologia foi sugestão da sua mãe, que tinha feito alguns períodos e achava que K poderia gostar. Ela concordou. Hoje o que gera incômodo é que trabalhou a vida toda e agora, quando ela deveria estar no mercado, pois já tem 20 anos e está numa faculdade, é justamente quando ela se encontra parada. Busca um estágio. Qualquer um. Precisa fazer alguma coisa. Tantas questões para alguém que não tinha história para contar.

L. tem 26 anos, é Geógrafo, faz Mestrado e dá aulas na educação infantil. Num estilo alternativo de quem faz meditação, fica difícil imaginar que atuava na área de consultoria. Abandonou esse campo, em suas palavras, “por motivos ideológicos”, pois suas atividades iam contra seus valores. A insatisfação, contudo, ainda o acompanha. Sua experiência na Academia o decepciona e também não tem certeza se nas aulas que ministra encontrará sua realização. Eis os porquês da dúvida sobre que caminho trilhar. Sempre muito articulado, faz parecer claro e bem desenhado os dilemas que enfrenta. Contudo, sob a superfície das suas certezas, espaços vazios compõem a estrutura que o sustenta. Conta que questões sobre quem era, o que se tornou e o que pode vir a ser são o que tiram o seu sossego – e é para elas que deseja uma saída. É aí que não sabe o que fazer. Será que nosso grupo pode ajudar?

D. tem 22 anos e está se formando em Psicologia. Também. Mas nunca é a mesma coisa, né? Quando entrou, D. tinha certeza absoluta de que seria uma terapeuta cognitivo comportamental, até que o caminho apresentou-lhe possibilidades outras, possibilidades mil. Vê a sua vida hoje como um “cubo mágico todo bagunçado que ela não sabe como consertar”. Cada lado é um setor da vida, que se mudar uma pecinha, rearranja todo o resto. Qual a fórmula que resolve a vida? Assim como ela não entendia muito bem os caminhos que a fizeram ter tantas certezas e dúvidas nesse zigzagear das escolhas profissionais, imaginou que outras pessoas também passavam por isso. Quer entender melhor como acontecem essas mudanças, nela e nos outros. Por que isso? O que nos motiva? Como tomamos decisões? Estamos todos nos perguntando a mesma coisa, D.

Le. tem 25 anos e está se formando em Geofísica. A escolha do curso lhe pareceu bem simples diante das perspectivas de ganhos quando recém-formados – a promessa girava em torno de 10 mil reais por mês, dada a alta especialização que as atividades envolviam e o crescimento do setor. Estava tudo planejado para ter a independência financeira e estabilizar a sua vida, esse era o seu plano ideal. Mas a vida, instável que só ela, decidiu que o trajeto não seria tão óbvio. Pegando Le de surpresa (e todos que faziam o curso também), o setor de

atuação passa por significativas mudanças, o crescimento estagna, a geração de empregos pára. Depois do susto, a frustração. Depois da frustração, reflexão. E agora? Como encontrar margem de manobra dentro de um curso tão específico? Apostar em algo completamente diferente? E o dinheiro, que foi o motor da escolha e a razão da dúvida atual, como garantir sua independência? Parece que a crise econômica e política do país chegou no nosso grupo.

R. tem 24 anos e se forma em Psicologia em “exatos quatro meses”³. A ansiedade se traduz em palavras quando ele diz que não faz a menor ideia do que fazer a partir de então. Não sabe o que fazer, mas tem claros os limites a respeito do que não gostaria. Ele precisa ter tempo. Tempo para viver fora do trabalho, tempo para ir à praia, tempo para ter um hobby. Por hora ele só estuda, e espera. Espera por uma decisão que vá dar a ele a oportunidade de começar a viver. O que fazer que vá te dar dinheiro? Sua vida parece estar em modo de espera enquanto ele não tiver seu próprio dinheiro. Tudo gira em torno da necessidade de ter independência financeira, de não depender mais de seus pais. Mas existe ali alguma satisfação no que se faz. R. gosta de Psicologia, só não sabe o que fazer com ela. Pelo menos você não está sozinho, R., tem mais gente no nosso grupo nesse impasse.

J. tem 21 anos e está se formando em Biologia. Gosta da sua área, mas agora que está perto de se formar, não vê muitas opções de atuação profissional. O seu curso é inclinado para quem deseja seguir carreira acadêmica, e não é o que ela prefere. Dar aulas seria a escolha óbvia, mas também não é algo que a motive, não se sente pronta para isso. Mas será que algum dia estamos prontos para alguma coisa?

Temos diante de nós 9 (nove) histórias. Nove vidas que se encontram e se atravessam no grupo terapêutico proposto para essa pesquisa, dispostos a repensar seus caminhos já percorridos, compartilhar suas dúvidas e angústias, tematizar suas escolhas profissionais e fazer tudo isso junto, em grupo. De mãos dadas com essas histórias, vamos consturando essa dissertação, sem alvo, sem meta, sem pódio de chegada, mas abertos às possibilidades dos encontros.

³ A formatura de R, aconteceu no primeiro semestre de 2016.

2. Parêntesis [Introdução]

Como é possível inferir, as histórias compartilhadas pelas pessoas que participaram do grupo terapêutico dessa pesquisa irão compor o coração desse texto – não a toa a dissertação começa com elas. Em minha experiência, pensar as escolhas profissionais tem sido uma questão em constante (des)construção e movimento, entre o Recursos Humanos e a Fenomenologia-Existencial, entre o que significa ter uma carreira de sucesso e questões existenciais acerca de quem queremos e quem podemos ser, pairando sempre no ar a cobrança de se fazer a escolha certa. Mudar de carreira? Desperdício. Mas por que? E por que não?

Esses caminhos, misturados a essas inquietações, se entrelaçaram a tal ponto que culminaram no tema dessa Dissertação, e a forma eleita para nos debruçarmos sobre esse assunto foi não debruçar, mas atravessar, experienciar.

Ao invés de tomarmos o tema das escolhas profissionais como dado, partindo do campo bem definido da Orientação Vocacional, do público clássico daqueles que irão prestar vestibular e estão indecisos, apostando nos métodos historicamente consolidados como forma de conduzir esses dilemas, fazemos nessa pesquisa (e consequentemente neste texto) uma aposta diferente. Inspirada na dissertação de Mestrado da Vanessa Magnan que se tornou livro – *Análise da Escolha Profissional*⁴ –, decido abraçar esse método – de base fenomenológica-existencial – como aposta ética para pensar/intervir no campo das escolhas profissionais.

Existe um interesse nesse texto em colocar em questão as tradicionais intervenções dos saberes psi, em afirmar que escolhas estão sempre em jogo e não aparecerem em um único momento da vida, em refletir sobre os sentidos de uma pesquisa fenomenológica-existencial mas, especialmente, gostaria de desenhar aqui os caminhos e descaminhos do nosso grupo terapêutico, que foi apenas um, que durou seis meses e vinte encontros, e colocou em jogo a

⁴ MAGNAN, Vanessa da Cunha; FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *Análise da escolha profissional*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2013.

força da experiência de grupo, da construção coletiva, de ser-com-os-outros, tendo como tema as escolhas profissionais.

O grupo aqui não é objeto de pesquisa (no sentido científico tradicional) e os acontecimentos registrados não servem como exemplo de uma teoria, como comprovação de um enunciado. Mas, ao contrário, a construção teórica dessa dissertação parte dos encontros com essas nove pessoas para dar contorno aos conceitos e dialogar com os autores de referência. O nosso horizonte filosófico lança sim um certo olhar ao que acontece no grupo, mas não define e afirma a priori o que vem ao nosso encontro. Como foi dito na primeira frase dessa introdução, as histórias compartilhadas pelas pessoas que participaram do grupo terapêutico dessa pesquisa irão compor o coração desse texto.

E aqui eu faço um pedido. Tome os elementos que aparecem nessa introdução como pistas para esta dissertação. Entenda essas linhas como uma chave de leitura, como um parêntesis entre o Prelúdio e o capítulo I, que foi necessário para localizar e organizar o texto que vem a seguir. Para dar um contexto e um lugar para esta escrita. Nem sempre a história contada num capítulo terá uma clara continuidade no que vem a seguir, nem sempre as histórias contadas terão finais, pois a vida transborda essas páginas e recortes são necessários na composição da escrita.

Mas, para auxiliar no percurso dessa leitura, podemos dizer que num panorama geral o texto trará: reflexões sobre o nosso horizonte histórico sedimentado, a partir do qual conferimos sentidos ao mundo de início e na maior parte das vezes – entendendo que a história das práticas de orientação vocacional e profissional compõem tal horizonte; elementos e conceitos da nossa escolha teórica – a fenomenologia-existencial, trazendo autores como Husserl, Heidegger e Feijoo para o diálogo; e a proposta de intervenção segundo a Análise da Escolha Profissional. Tudo isso sendo composto com as histórias do grupo terapêutico.

Que o texto a seguir te transporte para o universo das escolhas profissionais através da vida desses nove participantes, que ingressaram nessa viagem junto com a gente e concordaram em compartilhar seus tropeços e descobertas.

3. O começo

Como se costuma dizer, toda jornada começa no primeiro passo, e uma vez decidido que esse projeto seria construído em grupo, era preciso dar o mínimo de contorno para viabilizar que ele acontecesse. O intuito não era definir regras e formatos, dias e atividades, início, meio e fim (e nem nosso horizonte filosófico nos leva nessa direção), mas simplesmente encontrar uma forma de reunir pessoas que estivessem interessadas em fazer parte dessa viagem e escolher um lugar para encontrá-las.

E lá estavam elas no primeiro dia que marcamos, nove pessoas sem nenhuma pista do que aconteceria a seguir, aguardando nossas instruções de como prosseguiríamos. Àquela altura, nem eu e nem M., a estagiária, sabíamos o que habitava no imaginário daquelas pessoas, estávamos curiosas, atentas e com a preocupação constante de que aqueles encontros fizessem sentido – para nós e para eles, ainda que não soubéssemos que sentido era esse. Eu, que nunca havia conduzido um grupo terapêutico, me perguntava, ao sentar naquela sala diante daquelas pessoas, se tinha sido mesmo uma boa ideia aquilo tudo. Será que eu sabia o que estava fazendo? Respirei fundo e repeti para mim mesma que não precisava dar conta de tudo antes mesmo de começarmos, o que eu precisava era sustentar essa suspensão dos saberes a priori, e me voltar para aquele encontro, naquele momento. Mesmo sabendo como é difícil nos afastar dessa vontade de controle, que em muito se relaciona com o horizonte histórico no qual estamos imersos, esse era uma espécie de mantra que eu repetia mentalmente.

Começamos o dia, às 17:30h, com as praticidades do grupo, assinaturas de termos de consentimento, lista de presença e definição das regras do grupo. Aqui tivemos o primeiro espanto: a folha de regras estava em branco. Explico então que o grupo não pertencia a mim, mas que era nosso, e portanto, as regras seriam definidas e acordadas no coletivo. Apesar da estranheza inicial, toparam a ideia e começamos a listar quais as coisas importantes que

deveríamos seguir, desde tolerância a atrasos e faltas até minutos de meditação antes de começarmos cada encontro – cada uma dessas ideias sendo apresentada, debatida e incorporada (ou não) por eles. Ao finalizarmos as regras, pergunto se alguém ficou com alguma dúvida em relação ao funcionamento do grupo, e foi quando perguntaram como seriam os encontros, o que a gente faria neles e como seria a conclusão. Afinal, porque estávamos ali?

3.1) Sobre a verdade e o método

A pergunta feita pelos participantes era a mesma que eu me fazia eventualmente, e a mesma feita por M, a estagiária. Que método é esse? Como vamos fazer esse projeto terapêutico acontecer? Respostas como *“Ah, a gente vai lá e inventa.”*, *“A gente descobre no encontro.”* ou *“A gente constrói junto.”* a princípio não davam conta, soavam vazias, como se não soubéssemos o que de fato estávamos fazendo, onde queríamos chegar e como faríamos para ir até lá. E dentro do grupo, enquanto definíamos regras, vez ou outra surgia o comentário *“Não sei se isso é possível para vocês”*, se referindo à nossa metodologia, questionando se ela autorizaria esta ou aquela decisão, como por exemplo, incluir ou não uma pessoa no grupo depois que ele começasse. E uma leve desconfiança costumava pairar no ar quando a resposta era *“Vocês podem decidir sobre as regras, sugerir o formato, mudar a proposta, isso não fere em nada a pesquisa”*. Mal sabiam eles que isso era, na verdade, o próprio acontecer da pesquisa. Percebi então que a apropriação dos encontros era algo a ser contruído e reafirmado a cada semana.

Mas tanta desconfiança sugeria mais alguma coisa, que talvez a gente imaginasse de antemão que formato deve ter uma pesquisa, já esperando uma determinada forma de intervir que nos garantiria a produção de um conhecimento confiável e verdadeiro e, a partir daí, o esforço para escapar desses moldes talvez gere inseguranças e dúvidas se o que estamos fazendo é igualmente válido. Para ser uma pesquisa séria, supomos que precisa haver claramente definido e esmiuçado o objeto de estudo, não há espaço para *“vamos construir juntos”*, o pesquisador precisa saber o que deseja comprovar. A pesquisa precisa também ser objetiva, mensurável e neutra. Como poderia um pesquisador se envolver com a própria pesquisa? Neste horizonte, isso é impensável, não parece certo. Não tem jeito de originar um

resultado confiável, quiçá verdadeiro. No cenário ideal, ao final, ainda conseguiríamos tabular os dados e gerar estatísticas. Como nos aponta Heidegger:

(...) a decisão do que deve valer, como conhecimento certo para a ciência, (...) depende da possibilidade de se medir e mensurar a natureza, dada em sua objetividade e, em consequência, das possibilidades dos métodos e procedimentos de medida e quantificação. (p.49, 2012)

Podemos então observar que a toda essa lista de expectativas compõem o horizonte histórico sedimentado ao qual correspondemos, marcado pela ciência, pela técnica moderna, por uma compreensão de mundo cartesiana, que traz consigo um certo pressuposto do que é verdade e a forma correta de acessá-la.

A verdade, aqui compreendida enquanto *veritas*, pode ser traduzida como verificação, adequação, de tal forma que conhecimento verdadeiro é aquele que podemos verificar, e que tal verificação precisa exprimir uma relação de concordância com o objeto pesquisado. (MAGNAN, p. 51, 2012). Para sermos justos, não podemos colocar sob responsabilidade de Descartes algo que ele herdou de uma tradição anterior – a noção de verdade foi impregnada pelo sentido de adequação já em Aristóteles, o pai da lógica, que “*não só indicou o juízo como o lugar originário da verdade, como também colocou em voga a definição da verdade como ‘concordância’*”. (HEIDEGGER, p.284, 2009). A Descartes, atribuímos a herança que gera o principal desafio do método científico tradicional: diante da cisão sujeito e mundo, o método de pesquisa precisa refazer a ponte entre o sujeito cognoscente e o objeto a ser conhecido, pois somente assim será possível que o conhecimento produzido guarde em si alguma concordância com o objeto pesquisado.

Mas costurar essa fissura, recriar essa ponte, traz outros problemas que não podem ser ignorados. Nesse esforço para acessar o mundo, por exemplo, como garantir que o conhecimento que tenho sobre esse objeto está adequado a ele? Como saber se não impregnei o conhecimento de impressões e sensações subjetivas? Como saber se o objeto sequer está lá, se não estou imaginando? (FEIJOO, p. 32, 2011). Eis a questão que o pensamento representacional, lançando mão do método científico, tenta dar conta; questão a partir da qual a verificação, a adequação, a conferência quase incessante e obsessiva ganham sentido, pois

se trata de validar tudo que se sabe sobre o mundo e, mais ainda, a forma como temos notícia dele. Como admitir a possibilidade do erro?

Assim, temos diante de nós o cenário que explica a tamanha estranheza gerada quando dizemos a um grupo de pesquisa que não estamos ali para calcular nada, para medir nada, nem para provar nada. Não se trata de testar nenhuma teoria, nem de criar novos mecanismos de controle. Então, para o que estamos ali? O que mais se faz numa pesquisa? Quase nos faz duvidar se isso é pesquisa de verdade.

E não seria, se método só pudesse ser entendido como forma de dominar e mensurar a natureza; ou se verdadeiro fosse somente aquilo que podemos verificar, comprovar. Heidegger, contudo, nos ajuda a ampliar ambas as compreensões, sobre verdade e método, distanciando-se desse nó de sentido que a era moderna conferiu a elas e dando uma chance para a nossa forma de pesquisar. Resgatando os gregos, temos a noção de *alethéia*, na qual verdade aparece como “desvelamento”, o que significa dizer que a verdade não tem uma relação com um suposto real, concreto, que garantiria o status de verdadeiro por correspondência, por adequação. Assim como esta “realidade concreta”, a verdade também não subsiste em si mesma, independente e absoluta. A verdade é verdade enquanto acontece como tal, enquanto é percebida como tal, enquanto se desvela.

Tal compreensão de verdade como desvelamento, como descoberta, está profundamente afinada com o modo de ser do homem, que é ser-no-mundo⁵, que é abertura, que está sempre em jogo. A descoberta de tudo que há no mundo (entes intramundanos) se funda na abertura originária, que é condição de possibilidade para que os entes se dêem à nossa experiência. Assim, podemos dizer que “*primordialmente verdadeiro, isto é, exercendo a ação de descobrir, é o dasein.*” (HEIDEGGER, p.291, 2009). Ainda sobre isso, Heidegger nos diz:

Sendo essencialmente sua abertura, abrindo e descobrindo o que se abre, a presença⁶ é essencialmente “verdadeira”. A presença é e está “na verdade”. Esse enunciado possui sentido ontológico. Não significa que onticamente a presença tenha sido introduzida sempre ou apenas algumas vezes “em toda a verdade”, mas indica que a abertura de seu ser mais próprio pertence à sua constituição existencial. (p. 291-292. 2009)

⁵ A frente discutiremos em mais detalhes a compreensão do homem enquanto ser-no-mundo (Dasein).

⁶ Nessa edição de Ser e Tempo, *Dasein* é traduzido como *presença*.

Colocando nesses termos, o que temos como consequência é uma inversão: não somos nós que pressupomos a verdade, ou que precisamos agir no sentido de verificar e comprovar para obtê-la, mas, ao contrário, é a verdade que se apresenta para nós como condição de possibilidade para que possamos pressupor algo, visto que ela, enquanto desvelamento, compõe o nosso modo de ser, a nossa existência.

Quanto à pesquisa, não se deseja mais averiguar esmiuçadamente se aquele conhecimento está adequado, mas de se aproximar das muitas possibilidades de desvelamento de sentidos que se dão à experiência, acompanhá-las, construir um conhecimento junto a, e não sobre algo. Método não é mais entendido exclusivamente como uma técnica de pesquisa, mas, também resgatando o seu sentido mais originário, “*trata-se de um ‘caminho para’, um ‘envolver-se’, estar em um co-responder com o que vem ao seu encontro.*” (MAGNAN, p. 49. 2013)

Partir da *alethéia* não quer dizer que excluímos agora o sentido de verdade como verificação, nem que aqueles que pesquisam com base nesse pressuposto estão errados e deveriam estudar mais, fazer diferente. Isso porque compreender verdade como verificação é uma possibilidade de sentido, um modo de compreender, algo que tanto pode que está aí, se dando a nossa experiência – e, por isso, é também verdadeiro. Afirmar a falsidade de algo implicaria na necessidade de uma contraproposta, precisaríamos dizer então o que é verdadeiro; como não existe esse substrato, o desvelamento que se dá a nossa experiência é a verdade que temos, enquanto temos, até que se torne (ou não) outra coisa. O esforço aqui é para escapar desses regimes totalitários, entendendo que verdadeiro é o que se desvela, tal como se desvela, enquanto se desvela. A compreensão da *alethéia* passa também pela liberdade em relação ao que se apresenta em nosso horizonte de sentidos. A crítica não objetiva dizer que deve ser jogado fora aquilo que se critica, mas destacar que aquele não é o único modo de compreender o mundo e, por isso, não é o único caminho do pesquisar.

3.2) Sobre a técnica (e as Práticas de Orientação Vocacional/Profissional)

Nesse sentido, é importante trazermos algo da história das práticas de Orientação Vocacional e Profissional, que estão sedimentadas em nosso horizonte histórico e compõe aquilo que se espera, de início e na maior parte das vezes, quando se busca esse tipo de ajuda. Importante porque essa dissertação dialoga com este campo, faz aproximações e

distanciamentos, parte deste cenário para então ser proposta alternativa, e por isso precisamos apresentar que solo é esse sob nossos pés, que horizonte é esse diante de nossos olhos.

Havia naquele grupo, de início, uma certa expectativa que eu os dissesse o que fazer ou como resolver seus dilemas profissionais e é importante ressaltar que isso não ocorria por limitações daqueles que me interrogavam, mas porque, tradicionalmente, cabe ao orientador vocacional apresentar algumas respostas ao orientando após uma investigação. Como se esta ou aquela técnica fosse capaz de revelar uma vocação e selar um caminho.

Dando alguns passos atrás, podemos refletir antes sobre essa necessidade de escolher uma profissão, que não existe desde sempre, forjando-se com o advento do capitalismo. (BOCK AT ALL, 1999). Antes disso, o que se tinha em jogo era um sistema feudal, no qual a ocupação do indivíduo era determinada pelos laços sanguíneos, de forma que os filhos dos servos seriam servos e os filhos dos senhores seriam senhores. (BOCK AT ALL, 1999) Nesse contexto, não caberia falar em escolhas de profissão e carreira, visto que a transmissão hereditária do estilo de vida incluía o ofício.

Quando se instaura nos trabalhadores a necessidade de vender a força de trabalho fora dos campos⁷, sem terra e sem meios de produção, perguntas como “com o que posso trabalhar?” ou “minhas habilidades me permitem fazer o que?” ganham sentido e contexto. Como nos aponta Bock at all:

E, então, é neste momento que a escolha da profissão se coloca como questão. Se tudo está nas mãos do indivíduo, o momento de sua escolha profissional torna-se de suma importância. Teorias, técnicas, idéias passam a ser desenvolvidas para facilitar esse momento decisivo. (BOCK AT ALL, 1999)

Na esteira do crescimento das indústrias e do surgimento da preocupação em racionalizar o trabalho, especialmente no início do século XX, com Taylor e sua Administração Científica do Trabalho, a orientação profissional ganha lugar e razão de existir. Enquanto o primeiro aspecto põe em cena uma complexidade social maior, que possibilitou maior diversificação dos campos de trabalho e surgimento de novas atividades (BOHOSLAVSKY, p. 47, 1977), o segundo permitiu às práticas de orientação profissional se

⁷ Referência à política de cercamento dos campos na Inglaterra, durante o séc XVII, no início da chamada Revolução Industrial.

aliarem ao discurso do “homem certo para o lugar certo”, ocupando-se de adaptar esse homem a nova forma de trabalhar. (DREUX, 2013)

Nesse contexto, as teorias psicométricas surgem como tentativa de dar contas dos ajustes necessários do homem à atividade profissional. Amplamente conhecidas pela utilização de testes, temos, como exemplar desta abordagem, a teoria de Traço e Fator, em vigor desde o nascimento da Orientação Profissional brasileira, na década de 1920 (SPARTA, 2003). Com ênfase estatística, esta teoria busca uma correspondência entre as características do indivíduo e as exigências profissionais (DREUX, 2013). Caberia ao orientador profissional realizar o diagnóstico e o prognóstico da pessoa atendida, definindo/descobrendo o perfil profissional da mesma e, a partir daí, buscar, no rol de profissões conhecidas, aquela (ou aquelas) na(s) qual(uais) melhor se adequaria. “Assim, uma boa escolha é aquela que resulta da harmonia entre um perfil profissional e o perfil pessoal.” (MAGNAN, p 16, 2012), sugerindo que as características internas de um indivíduo seriam decisivas na escolha da ocupação. Para incrementar o arsenal de ferramentas do orientador, é nesse mesmo período, entre 1920 e 1930, que a psicometria desenvolve testes de inteligência, aptidões, interesses, habilidades e personalidades. (SPARTA, 2003)

Sendo responsabilidade deste especialista descobrir a “vocação” e orientar o sujeito para a realização de seu pleno potencial, podemos apontar, dentre tantas consequências advindas desse posicionamento, que resta ao sujeito pouca margem de manobra em relação ao que será descoberto a seu respeito: atuar ou negar a sua dita vocação/aptidão/habilidade.

Na década de 1940, o cenário da Orientação Profissional no Brasil passou por algumas mudanças de paradigmas, com a influência das publicações de Carl Rogers e sua Terapia Centrada no Cliente. Esta valorizava a participação do cliente no processo de intervenção, que ganhou um formato não diretivo. (SPARTA, 2003). Do ponto de vista das práticas de orientação profissional, o que se viu foi a metodologia de diagnosticar e aconselhar utilizando técnicas psicométricas ser complementada ou substituída pelo incentivo ao autoconhecimento (ABADE, 2005). O profissional agora adota uma postura de intervenção mínima, com o objetivo de deixar o cliente guiar o processo.

Em consonância com este foco no cliente, na década de 1970, no cenário da Orientação Vocacional no Brasil, Rodolfo Bohoslavsky, fortemente influenciado pela abordagem clínica humanista inaugurada por Rogers, defende que cada pessoa tem autonomia e liberdade de escolha, bem como recursos próprios para promover o autoconhecimento e

alterar sua atitude básica diante da vida. Ao mesmo tempo, inspirado pela psicanálise freudiana, considera o aspecto simbólico da decisão de carreira. Em termos de atuação, Bohoslavsky propõe que cabe ao profissional de orientação vocacional uma leitura interpretativa, de tal forma que, através de suas técnicas, o psicólogo possa levar o indivíduo a uma escolha o mais livre possível. (FEIJOO; MAGNAN, 2012)

Escapando dos modelos estáticos a respeito da escolha profissional, que marca um momento da vida para que esse acompanhamento seja realizado, Donald Super, na década de 90, coloca uma forma alternativa de se intervir no campo da orientação vocacional. Compreendendo vocação como um processo dinâmico (ao invés de exclusivamente inata ou aprendida socialmente), sugere que se trata de um “desenvolvimento vocacional”, cujo interesse não deve se dar apenas no momento da escolha profissional, mas no decorrer da vida das pessoas. Para ele, o indivíduo poderia alcançar a maturidade vocacional, assim como se desenvolvem *“todos os outros aspectos da personalidade humana (social, emocional, sexual, intelectual, etc.) com os quais se associa o termo maturidade”*. (BALBINOTTI, p. 461, 2003). Ele define então estágios e tarefas a serem cumpridas pela pessoa, de modo que a conquista da maturidade depende da interação entre as capacidades internas ao indivíduo e as condições do meio.

No final dos anos 90, Silvio Bock problematizou, de uma maneira global, o conceito de vocação, afirmando que não existiria no homem um determinismo biológico para definição de sua ocupação. Diferente do que acontece com os animais, não seríamos geneticamente programados para realização de uma atividade específica, como as abelhas para a construção das colméias e as formigas, do formigueiro. No caso do ser humano, seria a interação do corpo biológico com os meios físicos e sociais que agiria como fonte de determinações do indivíduo. (BOCK AT ALL, 1999).

Dentro desta problematização, afirma-se que o artifício do discurso sobre vocação, insinuando que algumas pessoas nascem com talentos e outras não, ou que aqueles que não são bem sucedidos não o são por falta de esforço pessoal, é uma das formas de se justificar as desigualdades sociais produzidas (BOCK AT ALL, 1999), funcionando mais como uma forma de controle do que como uma verdade científica. Seria preciso, por isso, colocar as escolhas profissionais dentro de uma análise das condições sociais e materiais para que então se pudesse compreender as possibilidades para cada indivíduo, que não são iguais. Por isso se

afirma, retomando o conceito, que a vocação do homem seria não ter outras vocações. (BOCK, 2001)

A tentativa de Bock é superar a dicotomia indivíduo x social, escapando aos discursos vigentes acerca das vocações ou aptidões, especialmente no que tange à ênfase dada aos aspectos psicológicos como determinantes na escolha profissional. Contudo, o que ele acaba por fazer é colocar a ênfase no social (FEIJOO; MAGNAN, p. 30, 2013), indicando um determinismo desse lado da balança ao invés de jogar a balança fora.

Assim, podemos notar que foram muitas as respostas para a pergunta “o que nos leva a fazer nossas escolhas profissionais?” (e nesse texto elegemos apenas algumas – não pretendemos dar conta de todas). Desde a crença em que os motivos estão em nós, como fruto exclusivo dos nossos desejos e aspirações ou resultado do nosso talento, até se teriam algo a ver com o mundo que nos cerca, ou se ainda seria uma relação entre esses dois aspectos. Muitas também foram as alternativas para o “como vamos orientar as pessoas que sofrem para escolher uma profissão?” e, partindo das diferentes concepções sobre o que nos motiva e define nossa decisão, tivemos diversas formas de atuar, seja com o poder decisório nas mãos do profissional, seja com a participação da pessoa nesse processo.

Retomando o pensamento de Heidegger a respeito da técnica, as intervenções propostas nas muitas práticas de Orientação Vocacional e Profissional apresentadas neste trabalho podem ser vistas, não como reveladoras de uma verdade sobre o sujeito ou uma sentença a ser cumprida, seja porque procura nele pontos de sua personalidade que deem indícios de que profissão terá mais afinidade, seja por considerar que os fatores determinantes da escolha são definidos por conjuntura sócio-econômica, mas como possibilidades de desvelamento.

Somos forjados no tempo das orientações, educados na era dos guias de como viver, fãs de todos os manuais, e uma técnica que nos traga a certeza de que precisamos é exatamente o que estamos prontos para acatar; contudo, o resultado de cada uma dessas intervenções não está relacionado com a nossa essência, não nos fala sobre a nossa vocação. A adequação de um resultado à técnica que se utiliza só nos diz isso, que é um resultado adequado à técnica, o que ela nos permitiu desvelar. Por outro lado, afirmar que tal resultado não passa de uma mentira, de uma farsa, seria, dentro da perspectiva heideggeriana, igualmente equivocado, pois (como dito anteriormente) ao afirmarmos que algo não é, precisaríamos dizer então aquilo que é. Não caíamos nessa armadilha.

Estabelecer com as práticas historicamente utilizadas uma relação de paixão, como se elas fossem a única possibilidade de compreensão do problema das escolhas profissionais, ou de desprezo completo, como se elas de nada servissem e não passassem de invencionices, não traduzem, de uma forma ou de outra, uma relação de liberdade com elas. O desafio é conseguir dizer sim e não à técnica, sem sermos escravizados por ela. É *“utilizar os objetos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que possamos a qualquer momento largar.”* (HEIDEGGER, p.23, 2000).

É também lembrar que em seu sentido mais originário, técnica não é um meio para chegar a um fim, não é para cumprir um papel. A *technè* dos gregos estava relacionada às artes superiores e belas artes, e assim como a verdade (*alethéia*), era relacionada ao desvelamento de mundo, a um corresponder à convocação. (HEIDEGGER, 2007). Assim, pensar uma técnica de intervenção no campo de orientação profissional tem mais a ver com a sutileza da arte do que com a objetividade da ciência, é mais um modular-se à experiência, acolher e dar passagem, do que agir sobre as questões oferecendo proposições e resoluções.

Em relação ao nosso grupo terapêutico, é importante trazer esses elementos que compõem a história das práticas da Orientação Vocacional/Profissional. É neste campo que estamos imersos, ainda que não seja o objetivo dar conta de cada uma dessas teorias, apresentando apenas um panorama, fazendo um sobrevoo. A relevância se dá porque todos nós estamos imersos na história e, de início e na maior parte das vezes, é a esse horizonte histórico de sentidos que correspondemos, são essas noções que aparecem nos mais variados discursos, e seria ingênuo desqualificar a fala dessas pessoas acusando-as de estarem no “senso comum”, como se corresponder a tais sentidos acontecesse por falta de estudo sobre o tema ou reflexão mais profunda. Estamos todos marcados por esse mesmo referencial histórico, já que somos contemporâneos, e são essas crenças que, durante esse percurso (pesquisa e texto), vamos questionar, são essas verdades cristalizadas que desejamos desconstruir – ou, ao menos, colocar novamente em jogo.

4. A Rotina

Para o dia a dia dos encontros com o grupo, ficou combinado que qualquer pessoa do grupo poderia propor atividades ou temas para conversarmos juntos e que, conforme o ritmo dos nossos encontros, iríamos modulando coletivamente o formato que teríamos, descobrindo como preferiríamos conduzir toda a pesquisa. Apesar disso, num primeiro momento foi difícil eles trazerem sugestões, pois ainda estavam no lugar de espera que eu ditasse o que faríamos a seguir. Então, para nos colocar em movimento, eu trouxe a primeira dinâmica, chamada “Os caminhos até aqui”.

A atividade, realizada individualmente num primeiro momento, consistia numa colagem que representasse de alguma forma os percursos que os trouxeram até o grupo. Disponibilizamos para eles folhas A4, cartolinas, folhas coloridas, revistas diversas, canetinhas coloridas, tesouras e colas. A atividade poderia ser feita nas mesas e cadeiras ou no chão, e os demais detalhes da condução foram sendo definidos no acontecer da própria atividade. O objetivo daquela dinâmica era simplesmente colocá-los em movimento e interação. Não havia nenhuma habilidade em particular sendo analisada ou nenhum comportamento específico sendo esperado. Não havia nesse momento nenhuma teoria esquadrihando o local, para além do nosso horizonte fenomenológico-existencial, que nos

colocava abertos para acolher o que viesse ao nosso encontro. Alguns podem perguntar porque eu simplesmente não os deixei lá, em silêncio, esperando o que aconteceria – e de certo alguma coisa surgiria –, mas o meu trajeto pela área de Recursos Humanos tornava a utilização de uma dinâmica quase irresistível (ainda que, nesse contexto, tivesse outra roupagem e outra finalidade).

Era o nosso segundo encontro e tínhamos duas participantes novas, que não puderam vir na semana anterior. Enquanto todos começaram a trabalhar concentrados na tarefa que tinha sido proposta, sem muito o que dizer uns aos outros, eu e M. (a estagiária), observávamos o que eles faziam. Neste momento, A. rompe o silêncio sugerindo: *“Acho que poderíamos nos apresentar para as meninas que chegaram hoje.”* O grupo gosta da proposta e A. começa:

A: – Meu nome é A., tenho 27 anos, sou advogada tributarista e, recentemente, iniciei o curso de Psicologia. Eu venho de uma família de Magistrados e fiz Direito por causa da minha família. Como eu ia dizer pro meu pai ‘Não quero ser juíza?’ – brinca A. Ele sempre me dizia “Tenha sua carteira da OAB e depois você pode fazer o que quiser.” E eu concordei. Tomei a decisão de fazer Direito, não culpo ninguém por isso, mas agora já deu, não quero mais. Eu estava muito infeliz no meu trabalho, trabalhava de 12 a 14h por dia. Eu ganhava bem, tinha minha independência, meu apartamento, mas não era feliz. Não dá pra ficar numa carreira só pelo dinheiro. E de que adianta ganhar dinheiro e ser infeliz? Eu prefiro ganhar menos e ser feliz.

O grupo então pergunta porque A. não gosta do Direito.

A: – Não é que seja ruim, muita gente faz, só não é minha aptidão, meu dom. Eu sempre fiz o que as pessoas queriam, agora não quero mais.

Muito da fala de A. reverberou no grupo. As escolhas de carreira calcadas no que oferece estabilidade financeira, a busca por segurança e garantias, a necessidade de terminar uma faculdade e ser independente dentro de um prazo determinado, o medo do fracasso, a dificuldade na mudança, e a angústia de saber que, apesar do esforço para que tudo funcione como se espera, na verdade não há garantias. Então havia um movimento pendular entre a busca pelas certezas e o encontro com a impossibilidade de tê-las.

No nosso terceiro encontro, continuamos a dinâmica e foi a vez de R. e Le. se apresentarem. Para ambos, a questão do dinheiro se apresenta como o grande problema e a

grande solução da vida. R. acredita que apenas quando alcançar sua independência financeira e sair da casa dos pais que a sua vida irá começar. Afirma, neste momento, não ter tempo para mais nada que não seja terminar a faculdade. Não se sente livre e atrela sua autonomia ao dinheiro (ou falta dele). Espera conseguir um emprego para então começar a viver.

O tempo parece ser uma outra questão importante para R. *“Ter tempo para as coisas.”* – ele diz sempre. *“Quero um trabalho para viver, e não viver para trabalhar. Quero horas livres para fazer outras coisas que eu gosto.”* O tempo em seu discurso também apresenta um caráter ambíguo: apesar de parecer pressionado pelo tempo que passa acelerado, pelo fim iminente da faculdade e ausência de perspectivas adiante, pela necessidade de entrar no mercado de trabalho e o medo de fazê-lo, afirma também que parece que o tempo para ele não passou. Comenta isto quando fala de seus amigos da escola, que casaram, tiveram filhos, e ele ainda não fez nada da vida. *“Onde eu estava quando tudo isso aconteceu?”* – ele se pergunta. *“Parece que o tempo não passou para mim, continuo na casa dos meus pais, não me sustento, minha vida ainda não começou.”* Mas quando será que a vida começa?

É interessante notar que a cada dúvida que um participante lançava ao grupo, cada problema que se apresentava, o movimento que acontecia era geralmente na tentativa de dar respostas rápidas, de dizer ao outro o que ele precisa fazer para resolver, ou de alcançar uma solução com a qual a maioria possa concordar. A fala de R. era permeada de adendos feitos por outros integrantes, na tentativa de mostrar que ele não precisava se sentir dessa forma, que era assim mesmo ou que ele estava tendo uma visão pessimista da vida. Nenhum problema que se anunciava sobrevivia muito tempo sem sofrer um ataque ou contraproposta. A vontade de solucionar cada questão que aparecia era tão presente e contínua que parecia que era para isso que estávamos reunidos ali. Mas será que era?

Nosso quarto encontro chega e dessa vez D. começa as apresentações. Ela mostra a folha de colagem que fez (a dinâmica “Os caminhos até aqui” estava acontecendo desde o segundo encontro), explicando o porque de cada gravura estar ali. Quando chega no desenho de um cubo mágico no canto superior da página, ela diz:

D: – A minha vida é como um cubo mágico todo bagunçado, que eu não sei como consertar. É como se cada lado, cada cor, representasse um setor da vida como família, faculdade, trabalho. Recentemente houve um evento na família que bagunçou todos os outros lado. Tudo que eu sabia que queria agora caiu por terra. Eu queria sair de casa, mas agora, se tivesse dinheiro, não sairia, investiria em outros planos, como por exemplo viajar.

Nesse momento, o grupo acha graça da metáfora e logo em seguida disparam alternativas de como resolver esse cubo. Le., que faz Geofísica, nos lembra que, em último caso, existem algoritmos que resolvem o cubo mágico, que não há necessidade de ficar quebrando a cabeça. O grupo diz que então só é preciso encontrar o algoritmo que resolve a vida. Todos riem.

Outra questão que novamente se apresenta é o dinheiro, quando D. comenta o que faria se o tivesse. Dessa vez a conversa rumou para o capitalismo e como ele nos empurra a querer sempre mais, numa lógica de consumo que não finda. Será que o dinheiro traz mesmo felicidade? Ou é a forma como me relaciono com ele que dirá se sou feliz ou não? Como podemos medir o valor das coisas? Essas perguntas estavam lançadas no grupo, quando J. comenta:

J: – Eu acho que outros sentidos na vida são possíveis, para além dessa lógica capitalista. Mas acho que tudo depende da maneira como cada um leva a vida. É muito subjetivo.

E ainda completa: - A gente aprende a se relacionar com as pessoas competindo com elas, e acho que para não ficar nessa, se comparando, precisamos fazer um mergulho dentro de nós mesmos e ver o que realmente se quer.

Aqui, L. interrompe: - Por que? Por que devemos mergulhar dentro de nós? Por que não nos jogar na vida, no mundo? Às vezes um mergulho em nós só nos faz ficarmos mais perdidos no labirinto que somos, e fica mais difícil de sair.

4.1) Sobre o conceito de homem

Esses pólos que aparecem no diálogo entre J. e L. nos chama atenção e nos interessa sob alguns aspectos. Primeiro porque a busca por “quem se é de verdade”, pelo “que se quer de verdade”, parece ser a fonte que vai resolver todos os problemas e guiar uma saída para os dilemas. Tal configuração do que é autenticidade e o uso dela para tomada de decisão é própria do nosso tempo, e será colocada em questão mais adiante. Segundo porque, considerando a maneira corriqueira que pensamos, o autoconhecimento nunca mora fora de nós, mas dentro, e por isso a proposta de L. coloca o grupo para refletir. Incluir o mundo fora de nós nesse processo parece ser algo que eles não haviam considerado. Já o terceiro movimento é atentar para algo que quase passa despercebido: o jogo daquilo que “mora

dentro de mim” x “o que está fora de mim”, que de tão naturalizado, a princípio nem causa estranhamento.

Afirmar tanto um mergulho em si quanto um se jogar na vida, nesse contexto, apesar de parecerem duas propostas completamente diferentes, estão calcadas exatamente nos mesmos pressupostos: de que existe um “eu” fechado e acabado que se relaciona com um mundo, que se encontra fora de mim, dado a priori – a diferença nas sugestões de J. e L. é que ora o foco é no “eu”, ora no “mundo”. Aqui, já desconfiando que nada existe desde sempre, ou como fruto de mera evolução natural, podemos nos perguntar sobre o surgimento dessa forma de pensar. Parece um importante questionamento, dado que tal compreensão de homem e mundo é o alicerce não só do debate de J. e L., mas também de tudo que vimos até aqui sobre vocação, carreira, teorias sobre as escolhas profissionais e as técnicas historicamente utilizadas para orientar esse processo decisório.

Nos apoiando em Feijoo e Magnan (2012) para responder, podemos dizer que tal dicotomia sujeito-mundo, uma das marcas mais profundas na construção desses pensamentos, nasce na cisão sujeito-objeto inaugurada por Descartes, datando da Filosofia Moderna. Quando, nas *Meditações Metafísicas*, Descartes conclui que a única certeza possível é o *cogito*, o eu que pensa e duvida, ele coloca o sujeito, que aparece como previamente acabado e dotado de uma realidade interna, em oposição ao mundo, que é externo, independente, igualmente dado e acabado. Nesse sentido, “*o eu se institui como uma interioridade (...) que se afasta do mundo de modo a posicioná-lo.*” (FEIJOO, p. 32, 2011) É na trilha desse pensamento que se fundam as ciências naturais e sociais, inclusive a psicologia, que no esforço para substituir a noção de alma tradicionalmente pensada pela filosofia e religião até então, forja os conceitos de subjetividade, eu, *self*, personalidade, etc., compreendendo a *psique* como algo que está no mundo a priori. (MAGNAN, 2013).

A dicotomia sujeito-objeto deixa marcas profundas nos pensadores subsequentes, que na tentativa de explicar o mundo e encontrar o si mesmo dos entes, acabam por entrar em becos sem saída. Se a coisa em si mesma encontra-se fora do “eu”, como acessá-la sem contaminá-la com os próprios meios de acesso, com a subjetividade de quem a procura? Agora se o si mesmo dos entes estiverem dentro do “eu”, como saber se tudo que há no mundo não passa de uma ilusão? A separação de eu e mundo, que parecia resolver um problema no método cartesiano e garantir rigor nas investigações filosóficas, fez com que os

esforços a partir de então fossem a construção de pontes entre esses dois polos, de vias que os rearticulassem, para dar conta da nossa experiência. (FEIJOO, 2011)

Ainda num esforço de rigor metodológico para a filosofia, mas propondo uma saída diferente da cartesiana, tomamos o filósofo Edmund Husserl para propor um tensionamento, uma vez que ele não compreende sujeito e mundo como entidades independentes e acabadas a priori. Para ele, toda consciência é sempre consciência de algo e todo “algo” sempre se dá para uma consciência. Essa relação entre sujeito (consciência) e mundo (algo) se expressa pelo conceito de intencionalidade husserliana, que não amarra sujeito e mundo novamente, mas, antes, entende que a experiência deles nunca se deu de modo separado. Essa forma de compreender a nossa experiência nos permite, então, a superação do modelo dualista moderno. (MAGNAN, p.47, 2013)

Para chegar a tal juízo de existência, Husserl utiliza uma atitude conhecida como *epochè*, a suspensão fenomenológica, que, com o intuito de “retornar às coisas mesmas”, propõe que se abra mão dos juízos prévios (um abandono do que ele chama de atitude natural, um agir no mundo como se fosse simplesmente dado) para atentar aos fenômenos tal qual emergem à experiência. O que está sendo afirmado é “um esforço metódico de validação da experiência humana como fonte de conhecimento” (ALVES, 2013), ou seja, que não há como conhecer verdadeiramente algo antes ou fora da experiência. Assim, quando suspendemos tudo que acreditamos conhecer sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre os outros e atentamos para a nossa experiência enquanto tal, a única coisa que poderíamos afirmar é que há uma experiência de consciência para qual algo se dá e, ao mesmo tempo, algo que aparece para uma consciência.

Aqui é preciso se demorar um pouco quando se fala em “retorno às coisas mesmas”, pois se exprime uma máxima da fenomenologia, mas que só faz sentido quando elucidado o que se entende por esse método. Segundo Heidegger (2009), a palavra fenômeno, derivada do grego, diz do que se mostra, o que se revela em si mesmo, de tal forma que os fenômenos constituem tudo que está à luz do dia ou se pode por à luz, quer dizer, podemos chamar de fenômeno tudo que é (os entes). Os entes podem, nesse mostra-se, inclusive, revelar algo que não são, o que chamamos de *parecer*. Assim, a fenomenologia, enquanto “ciência do fenômeno” e método de investigação diz em seu sentido formal “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra, a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2009, p. 74).

Falar em “o que se revela em si mesmo”, “coisas mesmas” e “a partir de si mesmo” pode nos remeter a uma compreensão de que essas coisas teriam uma realidade própria, independente da forma como nos relacionamos com elas, que estariam lá, simplesmente dadas no mundo e subsistindo em si mesmas, e, se assim fosse, nada mais do que estamos dizendo faria sentido, já que a ideia de trazer Husserl e Heidegger é justamente se distanciar dessas noções de sujeito e mundo dados a priori. Contudo, estamos afirmando exatamente o oposto, que essas “coisas mesmas” são os fenômenos, que sempre se dão a uma consciência (intencionalidade), e retornar a isso quer dizer atentar para eles tal qual aparecem à experiência, ao encontro.

Inspirado pelo método (*epochè*) e pela noção de intencionalidade husserliana, Heidegger acredita que quando realizamos a suspensão fenomenológica com rigor, a palavra “consciência” não lhe parece adequada para descrever aquilo que se percebe quando então deixamos de lado tudo que acreditamos conhecer. Isso porque tal palavra, ao seu ver, é carregada de sentidos atribuídos ao longo da história da filosofia e das ciências que podem gerar confusões e mal entendidos na compreensão dessa maneira (fenomenológica) de pensar. (CAMASMIE; SÁ, 2012) Da mesma forma, evita palavras como “eu” e “sujeito”, por acreditar que a noção de sujeito deturpa de modo fundamental essa experiência de “perceber o mundo e mundo percebido” que ocorre na realização da *epochè*, uma vez que a noção de sujeito carrega em si o ponto de partida do *subjectum*, que se relaciona com a “substância da alma” ou “coisificação da consciência”. (HEIDEGGER, 2009, p. 90).

Aqui fica claro que Heidegger, assim como Husserl, rejeita a ideia de “sujeito” e “mundo” dados a priori, acabados e separados, apostando numa postura fenomenológica de retornar às coisas enquanto dadas à experiência. Mas então, em qual definição de homem estamos apostando, se não em algo encerrado em si que experimenta o mundo? Como se referir a esse homem, se não podemos usar palavras como “eu”, “sujeito”, “indivíduo”? Parece impossível falar sobre essa experiência de mundo sem cometer uma gafe fenomenológica, utilizando termos que foram criticados, mas que, ao mesmo tempo, ainda são os únicos que usamos de partida para dar nome a isso que tentamos elucidar.

Para resolver esse problema, Heidegger nomeia do modo de ser do homem como *dasein*, que traduzido do alemão pode ser entendido como “ser-aí”. Esse “aí” a que ele se refere carrega uma relação com o fora (como contraparte de dentro), ressaltando a abertura do ser como caráter ontologicamente constitutivo da existência. Nesse sentido, sustenta a crítica

ao sujeito ensimesmado, ao mesmo tempo que o coloca em relação primordial com o mundo. Tudo que sou está em jogo no tempo e no espaço, sempre. Em seu entendimento, ser e mundo não estão dados antes da experiência, sendo eles co-originários, emergindo na relação. O mundo não está lá fora, dado, esperando que se atue nele, nem existe esse “eu” prévio que vai lá atuar. Por esse motivo, outra forma de se referir ao modo de ser do homem é como “ser-no-mundo”, e os ífens na composição da expressão anunciam o caráter indissociável entre as partes. Percebe-se então, o desdobramento da noção de intencionalidade husserliana.

Ser-aí nos indica que estamos sempre em relação a, num arranjo onde nenhuma das partes encontra-se previamente acabada. O que existe aqui de originário é a indeterminação do ser-aí, que nos aponta para a ausência de estruturas a priori tanto no sujeito quanto no mundo. Desta forma, na medida em que emergimos enquanto sujeitos, precisamos sempre decidir, escolher, criar um mundo que ainda não está pronto, criar a nós mesmos e atuar nesse mundo. (FEIJOO; MAGNAN, 2012).

Diante deste horizonte filosófico, não faz mais sentido abordar conceitos como vocação para falar das escolhas de carreira e seus desvios, pelo menos não da forma como tradicionalmente as práticas de orientação profissional se apoiaram nele, como se existisse uma verdade interior última que dará o norte necessário para uma decisão profissional correta. Quando nos encontramos com a indeterminação do ser-aí e a necessidade de criar e se por no mundo, percebemos a abertura de sentidos característica do *dasein*, que é convocado a se recriar diante de um impasse.

Nesse sentido, podemos nos debruçar um pouco mais sobre esta con(vocação), este convite, este chamado. O que em nós é convocado? Parece que o caminho foi longo, mas a pergunta ainda se mantém. Agora vamos finalmente fazer aquilo que nascemos para? Seria o chamado da nossa vocação? Não. A essa altura, tal pergunta já não faz mais sentido. Entendendo o homem enquanto abertura originária, a con(vocação) se refere menos a um talento íntimo do sujeito ensimesmado e mais ao estar lançado, compondo o jogo do existir, num enlace onde não há mundo prévio nem sujeito prévio, onde o chamado é o apelo do ser.

Este apelo, esta demanda da vida por um co(responder) aos entes que aparecem, compõe o movimento do vir-a-ser do *dasein*, pois sendo ele abertura, indeterminação, possibilidades, somente podemos dizer que “somos” alguma coisa na medida em que co(respondemos) a esta con(vocação). Ser abertura que acolhe, na qual e para qual os entes aparecem, não nos coloca numa posição passiva de receptáculo do mundo, mas, ao contrário,

apresenta a responsabilidade de ser condição de possibilidade para que o mundo se dê enquanto mundo, compreendendo que a existência é demanda diante da qual somos, a todo tempo, con(vocados) a nos posicionar.

Assim, diferente da noção tradicional de vocação, onde o jogo da liberdade acaba numa determinação (inata ou adquirida) do que se pode ser ou fazer, ser vocacionado numa compreensão fenomenológica-existencial tem a ver com estar colocado no existir, que sempre levará em consideração as condições fáticas dessa existência, que incluirá no jogo aquilo que o mundo demanda de nós, entendendo que de início e na maior parte das vezes agimos em correspondência ao nosso próprio horizonte histórico de sentidos sedimentados, e que, ainda assim, continuaremos a ser ontologicamente abertura de sentidos.

5. Intervenções

O nosso quinto encontro finalizou a dinâmica “Os caminhos até aqui”, na qual eles se apresentaram contando um pouco da trajetória que os levou até o grupo terapêutico para pensar suas escolhas profissionais, de tal forma que acreditávamos que um novo momento se construía. A partir da escuta daquilo que o grupo levantava como questão até então e em conversas com M., a estagiária, foi possível destacarmos dois aspectos que nos chamaram atenção: primeiro, que apesar das inúmeras informações que cada participante trazia sobre a

vida, as profissões, as escolhas e como escolher melhor, ficava sempre parecendo que aquelas falas eram do mundo, que poderiam ser ditas por qualquer pessoa. Não conseguíamos perceber de que forma se apropriavam das afirmações que traziam, e isso irritava particularmente M., a estagiária. A sensação era de que eles não estavam implicados no processo terapêutico do grupo – o que nos frustrava.

O segundo aspecto que destacamos está relacionado à quantidade de certezas sobre as escolhas profissionais que apareciam nos discursos – o que pode parecer um paradoxo, visto que o grupo se formou com a proposta de pensarmos as dúvidas nesse campo. A certeza de que a profissão escolhida precisaria render dinheiro, por exemplo, parecia sempre assombrar aqueles que estavam indecisos, como se não fosse possível escolher um lugar no mundo diferente de onde o dinheiro estivesse. Em relação a isso, não se trata de afirmar que o dinheiro não é importante ou que as pessoas deveriam se desprender dele, apenas estamos apontando a pouca margem de manobra que resta, além da angústia gerada, quando eles apresentam a questão financeira como preponderante na tomada de decisão – até porque não há como saber de antemão que profissão vai ou não vai “dar dinheiro” no final das contas.

Com estas observações em mente, pensamos que seria interessante então propor uma atividade que devolvesse para eles um pouco do que disseram, dessas certezas que emergiram em nossos encontros, nos demorando um pouco mais sobre elementos que pareciam tão óbvios e dados a ponto de não necessitarem de reflexão. A ideia era que dessa vez não somente acolhêssemos as falas e angústias, mas experimentássemos movimentos de desconstruções desses lugares. Isso não quer dizer que recebemos passivamente até aqui tudo que foi dito – essa atividade não iria inaugurar um movimento -, mas entendemos que era chegada a hora de intervirmos de forma um pouco mais organizada, num esforço para deslocar as possibilidades de sentido que se abriam naqueles encontros.

Chegamos então ao sexto dia do grupo com a proposta de uma dinâmica que batizamos como “Das coisas que a gente diz”. Em pedaços de papel, escrevemos algumas frases ditas pelos participantes, dando um foco especial aos assuntos que costumavam se repetir nas apresentações vistas até ali. Destacamos frase a frase, dobramos o papel e, no formato de sorteio, cada participante pegaria uma. A ideia era que a partir da leitura da sua frase, cada um pudesse identificar o que nela tem relação com a sua vida – poderia lembrar algo do passado, do presente, do futuro, dos sonhos, não existia uma regra a respeito da temporalidade ou modalidade da experiência. A única coisa que eles precisariam evitar eram

as generalizações. Assim, o primeiro movimento da dinâmica tinha o intuito de abrir a possibilidade para maior apropriação dos discursos.

M., a estudante de Psicologia, foi a primeira a sortear uma frase, lendo em voz alta em seguida: “Sempre fiz o que as pessoas queriam que eu fizesse.”. Ao começar a comentar, sorriu e disse que era uma frase que tinha muito a ver com ela – achava até que ela mesmo poderia ter dito aquilo em algum momento. Contou que em todas as decisões que toma ela se modula pelo que acha que os outros esperam que ela faça. O problema se estabelece quando ninguém diz nada, pois nesse caso ela fica sem saber o que fazer. Aqui a sua indecisão aparece e ela se vê encurralada, mesmo que várias opções apareçam na sua frente.

Os comentários de M. foram seguidos por mais algumas pessoas, mas sem muitos rodeios, logo a dinâmica seguiu e R. foi o próximo a sortear uma frase. “Não consigo escolher o que fazer” foi a sentença que apareceu e ele logo reagiu, respondendo: “Eu tenho escolha, por acaso? Escolha para mim é quando tenho duas opções e escolho. Mas se não me resta opção, isso não é escolha.” R. falava levemente exasperado, pois o assunto tinha relação com a sua sensação de não ter escolha no mercado de trabalho, de se sentir acuado, pois ele nunca era selecionado para nenhuma vaga que tentava e realmente gostaria de conseguir. Ele se sentia preterido, como se não fosse bom o suficiente.

Os demais participantes logo se mobilizaram, como era de costume quando R. falava, dizendo que sempre há escolhas, mesmo quando não temos opção, ou temos apenas uma opção, sempre podemos escolher (pelo menos) não ficar com essa opção. Nesse momento, R. lembrou de quando se candidatou para o estágio que queria e não foi aprovado. Na ocasião, acabou ficando com o único estágio que o aceitou, como se ele não tivesse saída. Nesse ponto, ele faz uma reflexão breve, dizendo que poderia até ter esperado pelo próximo semestre para tentar algo que realmente quisesse, mas logo descarta a possibilidade afirmando “Mas o que me garante que daqui a 6 meses eu vou conseguir o estágio que eu gostaria?”. A resposta do grupo foi imediata: “Você tem razão, não há garantias, então também não há como saber se você não conseguiria.” As chances eram iguais, mas R. só via a impossibilidade da certeza.

Até esse momento, parecia que a oportunidade de revisitar as próprias falas abria a possibilidade de cada participante fazer uma releitura da sua relação com o enunciado, reposicionado ou falando mais sobre sua implicação com o que estava sendo dito. Não estavam recitando fórmulas conhecidas de como se deve fazer, escolher, viver, nem enumerando problemas gerais. Contudo, no instante seguinte o grupo entrou num outro modo

de funcionamento, também característico do nosso tempo, de quem tem como objetivo dar conta da tarefa proposta. Passaram a comentar mais superficialmente cada frase, imprimindo ritmo mais acelerado e trefista. Observamos a mudança durante um tempo, pensando sobre o que poderia ter acontecido ali, e um pouco chateadas com a forma como desandou a proposta – parecia estar dando tão certo, como o rumo alterou tanto, escapando àquilo que tínhamos imaginado para a atividade? Mas antes de nos debruçarmos numa investigação minuciosa sobre causas que não nos levaria a lugar algum que quiséssemos ir, nos lembramos da nossa proposta, do nosso horizonte filosófico, a partir do qual as técnicas que escolhemos usar não têm o objetivo de garantir este ou aquele resultado.

Nesta pesquisa, neste grupo, caminhamos nos encontros, abertos ao que aparecer e a mudança repentina no desenrolar da atividade nos fez lembrar que a relação de apropriação, de singularização da experiência⁸, é de outra ordem que não a voluntarista – não se trata da nossa vontade, nem da vontade deles. Nos lembrou que de nada adiantava a nossa expectativa de que eles se implicassem com o processo, pois a implicação é da ordem do encontro e, ainda assim, quando ela emerge, não há garantias de que ela irá permanecer por ali. Estamos falando de modulações existenciais, e não conquistas definitivas de um modo de ser. De maneira geral, não há conquistas que sejam definitivas em campo algum da existência, e uma dinâmica, por mais bem elaborada que fosse, não seria capaz de garantir esses movimentos. O grupo naquele momento não “desandou”, ele apenas continuou andando. E quanto à proposta de desconstrução das certezas que emergiram, acabaram sendo as nossas certezas enquanto pesquisadoras que o grupo colocou em questão – já que por mais cuidadosas que tentássemos ser, estamos também mergulhadas na era da técnica.

5.1) Sobre a escolha e a decisão

Continuando as rupturas daquilo que achamos que tínhamos estabelecido, o sétimo encontro chegou com J., que após algumas ausências, pede para apresentar sua colagem feita na primeira dinâmica que propomos – “Os caminhos até aqui”. O grupo a acolhe, animado para saber mais sobre J., e nós, entregues ao ritmo e rumo próprios que a pesquisa estava tomando, embarcamos nessa apresentação junto com os demais, de modo que decidimos, coletivamente pausar a dinâmica “Das coisas que a gente diz”.

⁸ Mais adiante falaremos sobre os conceitos de apropriação e singularização em Heidegger.

J. começa a nos contar então que iniciou a faculdade de Biologia e, na construção do seu caminho, ia fazendo o que todo mundo fazia. Se inscrevia nas disciplinas porque precisava, estudava para as provas para manter uma boa nota no CR⁹, afinal sem uma média decente jamais conseguiria ingressar num projeto de pesquisa. Quanto a estes, ela começou um, dois, três projetos. “*Será que quero ser pesquisadora?*” Ela nunca se fez essa pergunta. Era assim que deveria ser, ela estava acompanhando o ritmo dos seus colegas, estava certa. Completamente imersa nessa cadeia de eventos que abafavam a necessidade de refletir sobre suas decisões. Na verdade, do seu ponto de vista, não havia o que decidir, as prescrições já estavam dadas, o passo a passo era claro, bastava seguir a receita para ter sucesso. Ela estava atarefada, fazendo malabares para dar conta de todas as coisas, mas estava indo bem. Quatro anos de faculdade, um CR ótimo, até que um acontecimento em uma das pesquisas a deslocou, quebrou o fluxo.

J. poderia tentar dar conta daquele problema inesperado e seguir a vida, como se faz toda hora? Poderia. Mas o deslocamento a colocou em um lugar que ela não habitava fazia tempo. Em suas palavras: “*De repente eu me vi ali, 4 anos de faculdade, um CR ótimo, e sem fazer a mínima ideia do que eu ia fazer com aquilo. Eu nem sabia se queria continuar na Biologia, que dirá ser pesquisadora.*”

Aqui, poderíamos julgar ou aconselhar J. a ficar mais atenta às suas escolhas, a fazer um mergulho dentro de si para buscar suas verdadeiras motivações, passar uma lista de medidas a tomar na tentativa de não cair mais na armadilha de fazer alguma coisa só porque todo mundo está fazendo. Poderíamos caminhar entre repreensões e conselhos, mas o primeiro problema dessa atitude é que ela já assume um sentido específico da experiência de J. como algo que deve ser evitado e corrigido, como se estar nesse modo de se relacionar com o mundo fosse menor, equivocado. Contudo, diante disso, Heidegger nos fornece uma pista diferente para compreender essa atitude.

Segundo ele, de início e na maior parte das vezes, estamos mergulhados no impessoal. O que quer dizer que nosso ponto de partida são as determinações do mundo fático, que preenchem e conduzem nossas vidas, dizendo como devemos agir, para onde ir, de que forma fazer. A gente estuda como se estuda, vive como se vive, da forma como nos ensinaram, não

⁹ CR significa Coeficiente de Rendimento. É uma média da nota de todas as disciplinas já cursadas na Graduação, considerando o peso e a carga horária de cada uma delas nesse cálculo. Cada universidade possui regras específicas para cálculo de CR.

nos apropriando diariamente das nossas escolhas. “Os significados e sentidos que nos vinculam às coisas geralmente são oferecidos pelo mundo e nos movemos nesse universo de sentidos sedimentados.” (FEIJOO; MAGNAN, p. 89, 2013). E estar na impessoalidade não é um problema a priori que precisa ser resolvido, mas um dos modos possíveis de ser, inclusive, que configura a nossa cotidianidade mediana. “Lançada em seu ‘pre’, a presença¹⁰ já está sempre faticamente remetida a um ‘mundo’ determinado, o seu. Junto com ele, os projetos são faticamente conduzidos da *perdição* nas ocupações para o impessoal.” (HEIDEGGER, p. 379, 2009)

É também um estar imerso no impessoal o que acontecia com o grupo terapêutico até então – e que nos incomodava –, quando, apesar de serem sempre falantes e trazerem muitas questões sobre suas escolhas profissionais, continuava a pairar sobre nós aquela sensação de “esta é uma fala de todo mundo, mas de ninguém em particular”. Elaboramos uma atividade para tentar deslocar as pessoas e abrir espaço para outras formas de se relacionar com aquilo que aparecia para elas no mundo, sem perceber, naquele momento, que a forma que a relação deles com o mundo tomou era, por si só, uma possibilidade existencial igualmente válida. Tentávamos corrigir esse posicionamento como quem tenta ensinar sobre um caminho melhor, mas não havia erro a ser ajustado, pois corresponder ao nosso horizonte histórico é o que fazemos de início e na maior parte das vezes.

Além disso, essa sensação de que precisamos ser autênticos o tempo todo, optar pelo que ninguém optou, fazer o que seja original, traçar caminhos que ninguém pensou, se apresenta, na verdade, como uma das palavras de ordem do nosso tempo, se trata do discurso comum, é continuar sendo levado pelo impessoal. Para Heidegger, autenticidade, singularidade, são outras coisas, que não caem numa perspectiva moralizante do que é bom ou ruim, certo ou errado, mas se aproximam mais de uma dimensão ética da existência. (SÁ, p.34, 2016) Ser autêntico não significa buscar uma melhor correspondência com a própria natureza, como nos diz o humanismo e sua essência humana boa e voltada para a autorealização. Já não se trata mais de encontrar a natureza ou essência do homem, pois na perspectiva fenomenológico-existencial não é possível atribuir positividade a esta essência; somos, ao contrário, negatividade, vazio, abertura existencial – não há dentro para que algo se guarde ali.

¹⁰ Presença é a tradução para Dasein, que aparece na 4ª edição de Ser e Tempo, ano 2009, Editora Vozes.

Se não há nada com o que devemos nos alinhar para sermos autênticos, então como a autenticidade se dá? O que se pode fazer para conquistá-la? O primeiro passo é compreender que estar numa relação singular com o mundo tem menos a ver com o que se decide fazer propriamente, e mais com a forma como você se relaciona com o que faz. É possível que duas pessoas façam a mesma coisa e, enquanto uma está num modo de ser mais próprio, a outra está num modo impróprio, levada pelo impessoal. É igualmente possível se estar num modo mais próprio na relação com o mundo hoje, e não estar mais amanhã. Isso porque a relação singular e autêntica que estabelecemos com o mundo não é algo que, uma vez conquistado passa a fazer parte de nós, não é algo a ser desenvolvido ou ensinado, menos ainda algo que precisa amadurecer. A autenticidade é um exercício que nunca cessa, de tal forma que estar num modo de ser mais próprio é mais uma modulação existencial do que cumprimento de uma etapa.

Assim, a autenticidade diz respeito à mera possibilidade de ser si mesmo em um sentido próprio, não sendo possível determiná-la pelo valor positivo de uma atitude ou comportamento específicos. Autenticidade, propriedade e singularidade são pensadas, aqui, como possibilidades existenciais constitutivas do ser-aí, modos de ele se relacionar com seu modo de ser e que, portanto, são apenas modulações do seu existir (...) (SÁ, p. 35, 2016)

Nesse contexto, Heidegger nos fala sobre as possibilidades de sigularização, e então a palavra decisão aparece. Diferente do que compreendemos geralmente como decisão, como um ato de vontade, para este autor é como se nós já estivéssemos, e talvez sempre estejamos, na indecisão (HEIDEGGER, p. 380, 2009), ou na decisão imprópria, já que, via de regra, correspondemos às determinações do impessoal.

Quando pensamos na etimologia da palavra de-cisão, observamos que ela está relacionada ao corte, à separação, e nesse sentido, podemos apresentar duas dimensões distintas (mas não opostas) do decidir: por um lado, enquanto um existencial (ou seja, uma das condições de possibilidade da existência para que ela se dê enquanto tal), ele abre a possibilidade para discriminarmos os entes que nos aparecem no mundo, fazer recortes (sempre atrelados a um compreender), organizar, conferir sentido à nossa experiência; e por outro, se aproxima das noções de apropriação/singularização, já que a decisão, ao nos separar

do mundo, nos lança ao poder-ser mais próprio, sendo, por isso, um modo privilegiado de abertura do *dasein*. (HEIDEGGER, 2009).

Nesse ponto, esclarece-se porque a decisão não pode ser entendida, a partir de Heidegger, como sinônimo de escolha. Toda escolha se dá dentro de um conjunto de possibilidades que se apresenta, que estarão sempre relacionadas ao horizonte histórico de sentidos que dispomos em nossa época. Enquanto isso, a decisão é a condição de possibilidade para que esse campo se dê, está ligada à abertura existencial que somos, um caráter fundamental da nossa existência (FEIJOO; MAGNAN, p.89, 2013), e por isso podemos falar em decisão imprópria, pois mesmo que não nos apropriemos das situações que aparecem em nossas vidas, ainda sim estaremos nos posicionando e discriminando o mundo, ainda assim estaremos decidindo. Nesse sentido, Heidegger nos diz:

Seria uma total incompreensão do fenômeno da decisão pretender que ele seja meramente um apoderar-se das possibilidades apresentadas e recomendadas. O decisivo é justamente o projeto e a determinação que abrem as possibilidades faticamente dadas a cada vez. A indeterminação que caracteriza cada poder-ser faticamente lançado da presença pertence necessariamente à decisão. (p. 380, 2009)

Dizer que a decisão nos desprende do mundo não significa, contudo, afirmar que estamos agora isolados, soltos ou sem referências, e ela não poderia promover este feito nem se fosse a intenção, visto que o *dasein*, enquanto abertura, nada mais é do que propriamente ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2009), ou seja, não haverá dentro deste horizonte filosófico um eu que não esteja em relação de cooriginalidade com o mundo. Além disso, Heidegger nos diz que “a decisão só existe enquanto decisão que se projeta num compreender.” (2009), onde “compreender” não significa que algo está sendo entendido ou esclarecido, mas se relaciona com o poder-ser, diz da abertura do *dasein* como ser-no-mundo, conduzindo sempre às possibilidades. Tal qual a decisão, o compreender também pode ser impróprio ou próprio, de forma que podemos nos compreender a partir do mundo ou nos lançar para o em virtude de. (HEIDEGGER, 2009). Dessa forma, todo recorte que a decisão promove só fará sentido se acontecer sempre em relação a, de modo que, ao invés de nos apartar, reafirma nossa conexão com o mundo.

5.2) Sobre o Ofício de Interpretar e o Círculo Hermenêutico

O nosso nono encontro acontece num dia de lanche. Conforme combinado na definição das regras, toda última semana do mês cada participante levaria alguma coisa (eu e M, a estagiária, inclusive) para fazermos um lanche no grupo. A proposta inicial era que acontecesse antes de começarmos, mas como se mostrou impossível pararmos de comer para então começar oficialmente o dia, a força da experiência se impôs frente à racionalização e a rotina resolveu por nós que em dias de lanche o grupo aconteceria em torno da mesa farta. A regra realmente se fez valer (uma das poucas, dentre tantas definidas no primeiro encontro), e os dias de lanches costumavam ser os mais animados. Estarmos em torno de uma mesa ao final do dia tinha um efeito surpreendente no humor de cada um de nós.

Como quem faz uma abertura oficial, informo a saída de A. do grupo, pois ela não conseguiria mais vir no horário que tínhamos definido. Ela havia enviado uma mensagem para o nosso grupo de celular, e sendo a primeira que comunicou dessa forma, gerou uma surpresa positiva nos demais. R. comenta que ficou contente dela ter avisado a todos ao invés de simplesmente não ir mais. Em suas palavras: “Geralmente as pessoas só vão embora e a gente não sabe se foi por nossa causa ou não.” O grupo concorda que foi uma atitude cuidadosa por parte de A., e J. completa dizendo que vai sentir falta dela, mas entende a dificuldade. Conta que ela mesma não sabe se continuará vindo, pois a sua rotina mudou ao ingressar em outro projeto de iniciação científica. Agora ela ganha bolsa-auxílio, mas por outro lado o trabalho também é maior. Por fim, J. resume dizendo que não vai se preocupar com essa questão da permanência no grupo nesse momento, pois decidiu viver um dia de cada vez e ir descobrindo o que será capaz de sustentar ou não – vai fazer as coisas com calma dessa vez.

Após levantadas essas questões, decidimos então que é hora de retomarmos nossa dinâmica “Das coisas que a gente diz”. Ainda faltavam duas pessoas sortear e quem inicia a rodada é D., com a frase “Minha família não apóia minhas escolhas”. Ela não se sente representada, dizendo que não é o seu caso, e houve um ressoar em concordância da maioria dos participantes, exceto J. Ela contou que sua mãe até apoia sua decisão, mas não concorda, dizendo que não criou filha para ser professora. Discursos como “isso não dá dinheiro” ou “gostaria que você fosse médica ou advogada” se faziam tão presentes que sua mãe chegou a fazer sua inscrição para Medicina em sua cidade natal (Juiz de Fora). Diante dessa situação, J. conta que até foi fazer a prova, pois sabia que não passaria. Quando viu o resultado, descobriu

que foi por pouco que não pontuou o suficiente, mas afirmou que mesmo se tivesse passado, diria à mãe que não passou, pois ela não iria fazer Medicina.

O grupo ouvia atentamente a história da vida de J. e logo começaram a se solidarizar com as dificuldades de ser professor no Brasil. Enumeraram os cortes de verbas, as novas leis, a falta de espaço e apoio para construir uma educação de qualidade com os alunos. Tínhamos ali no grupo algumas pessoas que pensavam na carreira acadêmica como profissão e vê-los levantando essas questões, ainda que pareça fugir da proposta da atividade, foi importante para mostrar que o que acontece dentro das paredes daquela sala não começa e nem termina por ali. A vida transborda em conexão com o mundo, o que inclui também o cenário político do país. Não estávamos ali num espaço controlado realizando um experimento, mas colocando em jogo a existência.

De volta às frases, o grupo informa que falta apenas J. sortear uma – e assim ela o faz. “As pessoas se definem pelo que tem e pelo com o que trabalham.” foi a frase que surgiu e, após alguma reflexão, J. nos diz que está num esforço de não ser assim, de se definir pelo que ela é, não pelo que ela tem. ‘Ser mais do que ter’ é a expressão que ela traz como síntese. O grupo vai concordando e tecendo comentários nesse sentido até que L. interrompe.

L: – Pois é, mas quantas vezes já nos apresentamos sem falar o que fazemos, nosso trabalho? Nos definimos pela nossa profissão sim, e isso não tem a ver só com o fato das pessoas perguntarem sempre ‘e você faz o que?’ Acho que devíamos experimentar um dia nos apresentarmos sem dizer o que fazemos.

J: – A gente faz isso no trote¹¹ da Biologia, perguntamos nome, idade, signo, ascendente, etc.

M: – A gente deveria tentar isso um dia.

Pergunto então porque não tentam a experiência naquele momento e entre surpresas e sorrisos, inciam a brincadeira de se apresentar sem dizer a profissão para qual estudam ou na qual já se formaram. O que veio em seguida foi uma série de descobertas a respeito das pessoas com quem partilhávamos aquele espaço. Diversos aspectos nunca antes mencionados, que encontraram espaço para serem ditos diante do deslocamento proposto por eles mesmos. Descobrimos por exemplo que M. gosta muito de desenhos animados e que o pôr-do-sol é o momento favorito do dia de J. K., por outro lado, costuma falar sozinha, gesticular, se dar

¹¹ Uma série de brincadeiras que as pessoas que acabam de entrar na faculdade (calouros) passam, como uma espécie de rito de iniciação promovidas pelos colegas que já estão mais a frente no curso (veteranos).

conselhos e responder as suas próprias perguntas. Quando ela faz esse tipo de coisa na rua, tem a impressão que as pessoas ao redor a consideram maluca. Ela acha graça, o grupo sorri e a apóia.

L. conta que odeia ir aos lugares acompanhado, que prefere ir sozinho. Toda vez que ele sai com um grupo de amigos, diz que vai comprar um cigarro e some. Brinca então com o grupo, falando que se um dia fizer isso com a gente, para sabermos que não é nada pessoal. Todos acham graça das confissões inusitadas. R. conta de como tem preguiça de socializar, o que gera uma concordância unânime do grupo, e logo todos estavam descrevendo situações que não queriam socializar com as pessoas e ficavam buscando saídas para a situação. “Como se livrar daquela pessoa?”, “Como não iniciar uma conversa que você não está afim?”, “Como dizer não?”, foram perguntas que foram surgindo enquanto o grupo seguia animado tentando dar respostas a elas.

O interessante é observar a fluidez do grupo, que foi construindo e desdobrando um caminho naquela dinâmica que não tinha como ser prescrito. Estavam envolvidos e mobilizados pelo assunto, de modo que a conversa era deles, criada por eles, sem script. Comandaram a dinâmica, transformaram em algo inesperado, o que levou a falarem mais de si, se conhecerem melhor e descobrirem afinidades. Em relação ao conteúdo do que estava sendo dito, podemos refletir que cada nova forma inusitada de apresentar a si mesmo não refletia uma verdade sobre quem eles eram, como se antes eles estivesse omitindo essas informações, mas esboçava um esforço (que nos é contínuo) de cada um de dar contorno a si mesmo e à forma como se colocam e se relacionam com o mundo. Sendo entendidos enquanto *dasein*, somos negatividade, abertura, ao mesmo tempo em que estamos lançados no mundo, correspondendo a um horizonte histórico de sentidos sedimentados, nos apropriando (singularizando) ou não (imersos no impessoal) dos sentidos que conferimos a nossa existência.

Esse exercício (incessante) de desvelar, já num compreender que confere sentido à experiência, pode ser considerada, segundo Heidegger, uma atividade hermenêutica, que em seu sentido mais clássico (remontando à raiz da palavra) é usualmente traduzida como “interpretar”. Enquanto atividade antiga do espírito, descrita já no mundo antigo e medieval, a hermenêutica tem como tarefa tradicional “apresentar as técnicas para a correta interpretação de um texto escrito” (PALMER, R., 1996 apud SANTOS, J., 2013). Contudo, ao apresentar

essa noção em sua analítica da existência, Heidegger amplia essa tarefa, aplicando a hermenêutica à vida. (SANTOS, 2013).

Retomando a compreensão de homem enquanto ser-no-mundo proposta por Heidegger, entendemos que não existe um mundo dado prévio à experiência, assim como não existe experiência isolada do mundo¹², de forma que seria estranho conceber mundo, vida, entes ou conhecimento apartados da nossa própria compreensão e interpretação a respeito das coisas que nos cercam. Não somos capazes de acessar o ser em si das coisas e, desse modo, nada podemos afirmar de verdadeiro, em termos de correspondência, entre o que sabemos do mundo e o mundo em si, pois toda verdade que dispomos é da ordem do que se desvela, tal qual se desvela, enquanto se desvela¹³. Em outras palavras, é possível dizer então que tudo que temos a respeito do mundo são as interpretações que dele fazemos, eis o porque de hermenêutica e vida estarem intimamente ligadas no pensamento heideggeriano. A conexão que se estabelece entre as duas é tão primordial que “em outras palavras, o filósofo defende que o processo hermenêutico, no seu próprio estruturar-se, constitui a existência, de modo que há uma relação fundamental entre o *compreender* e o *existir*.” (SANTOS, p.79, 2013)

Nesse contexto, quando falamos em “compreender” ou “compreensão”, nos referimos a um existencial fundamental descrito por Heidegger. Como dito anteriormente quando abordamos o conceito de decisão, compreender não está relacionado a um entendimento fruto de uma explicação, mas, enquanto existencial, coloca-se como condição de possibilidade para que nossa experiência se dê enquanto tal. Conforme nos indica Heidegger:

(...) compreender (...) não se trata de nenhum tipo de conhecer determinado, distinto, por exemplo, de explicar e conceituar, e nem, sobretudo, de um conhecer em geral, no sentido de apreender tematicamente. Ao contrário, (...) uma presença, com base na compreensão, pode, em existindo, formar múltiplas possibilidades de visão, circunvisão e mera visualização. (...) (p. 421, 2009)

Dessa forma, o compreender se relaciona com a nossa abertura primordial, com o poder-ser, nos projetando para as possibilidades – que não são soltas, como se qualquer coisa fosse possível, que se apresentam de acordo com o nosso horizonte histórico de sentidos, nas

¹² Noção de cooriginalidade entre ser e mundo, derivada da intencionalidade hurssealiana, apresentada no item 4.1. Sobre o conceito de homem.

¹³ Relembrando as noções de verdade enquanto *veritas* e *alethéia*, discutidas no item 3.1. Sobre a verdade e o método

quais já caímos e às quais já correspondemos (assumindo-as ou as recusando). (HEIDEGGER, p. 204, 2009).

Para pensarmos em como correspondermos às possibilidades que se apresentam diante de nós, Heidegger propõe mais um desdobramento além da abertura do compreender na qual essas opções se dão – a interpretação. Temos aqui mais uma palavra que ganha outra definição, escapando do sentido que comumente utilizamos, de modo que “interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender.” (HEIDEGGER, p. 209, 2009). Diferente da intenção da hermenêutica clássica, a interpretação para este autor nunca acontece de forma isenta, como simples apreensão de um dado pre-existente, deslocada de um horizonte fático, histórico. Ao contrário, ela sempre se funda numa posição prévia (que se relaciona com a totalidade conjuntural a partir da qual se compreende), numa visão prévia (que recorta em uma possibilidade de interpretação o que foi assumido na posição prévia) e numa concepção prévia (ligada à conceituação). (HEIDEGGER, p. 211, 2009). Assim, a interpretação de algo como algo está fundada sempre numa posição prévia, numa visão prévia e numa concepção prévia – e a essa estrutura damos o nome de Círculo Hermenêutico (FEIJOO; MAGNAN, 2013).

Dentro do nosso tema, pensando as práticas de Orientação Vocacional e Profissional, o Círculo Hermenêutico se relaciona com a história dessas práticas e com as crenças e expectativas que elas desenharam no decorrer de suas intervenções. Ele nos fala dessa trama que oferece lugar, confere sentidos e abre um campo de possibilidades limitado e datado, no qual nos projetamos através da compreensão, o qual elaboramos na interpretação. Esse campo de sentidos em estamos imersos nos apresenta, por exemplo, a possibilidade da certeza no momento das escolhas profissionais, junto com a promessa de uma decisão acertada. É isso que se espera porque é neste círculo que estamos, porque o mundo é que nos oferece os limites do que somos e do que precisamos ser, é ele que a todo tempo dita aquilo que faz sentido ser ou se tornar. E sendo nós originalmente negativos, toda familiaridade que dispomos vem do nosso tempo histórico. Assim, uma intervenção que não se comprometa a atender a essa demanda por certezas e garantias, que busque costurar outros caminhos para abrir outros modos de correspondência ao que vem ao nosso encontro, está num esforço de afrouxar as amarras das determinações do nosso círculo hermenêutico, de viabilizar uma relação de liberdade, tanto quanto possível, com o poder prescritivo desse mundo. Então, é chegada a hora de desenhar o que seria uma proposta fenomenológica-existencial de intervenção no campo da Orientação Vocacional/Profissional.

5.3) Sobre a Análise da Escolha Profissional e o fazer da pesquisa

O nosso décimo encontro inaugura uma nova dinâmica chamada “Jogo da Vida. A proposta: a construção de um tabuleiro de jogo da vida, em grupo. O desafio: o grupo deveria colocar nesse tabuleiro todas as possibilidades que acreditassem estar presentes (de algum modo) em suas vidas. Poderiam ser aspectos do passado, do presente, do futuro, concretos ou oníricos, enfim, todas as coisas que tivessem algum modo de presença para eles. Como material de apoio, oferecemos revistas, tesoura, cola, canetas, folhas de ofício e um papel pardo grande, que serviria como base para o tabuleiro do grupo.

Logo eles começaram a folhear as revistas, ainda sem uma ideia muito clara do que tínhamos proposto. Entre um recorte e outro, conversavam amenidades e iam apresentando as dúvidas. Como será que vamos construir esse tabuleiro? Quando M, a estudante de psicologia, recorta uma reportagem sobre mudança de sexo, Le. olha e pergunta se ela cogita essa possibilidade. M. responde achando graça: “Não, ué, mas é uma possibilidade na vida, ne?” Nesse momento, percebemos que “colocar no tabuleiro possibilidades da vida deles” estava sendo confundido com “podemos colocar qualquer coisa, porque vale tudo quando falamos em possibilidades.” Aproveito então a deixa para explicar melhor. Não é que possa ser qualquer coisa, mas pode qualquer coisa que se abra no campo de possibilidade deles, que é marcado pelas experiências de cada um até ali. M lança um olhar de compreensão e Le. pergunta se ela ainda vai continuar com aquela notícia. M. ri e abandona o recorte.

O décimo primeiro encontro acontece dando sequência à montagem do tabuleiro e, dessa vez com mais gente envolvida¹⁴, as perguntas sobre a operacionalização do tabuleiro começam a emergir, colocando em jogo o que cada um entende sobre a vida e suas possibilidades. Entre os recortes, dúvidas e criação, esclareço novamente que a bricadeira é por no tabuleiro a vida deles, é a vida em jogo. L. então pergunta ao grupo se o tabuleiro terá um caminho só e quando J. e M. respondem que sim, ele sugere que tenha várias entradas, cada um com a sua, e os caminhos se cruzando, já que de fato se cruzaram ali. Ainda completa com “o tabuleiro é nosso, gente, a gente pode inovar numas coisas”. Como são 7 pessoas hoje, a ideia de 7 entradas diferentes é aprovada pelo grupo.

¹⁴ O número de participantes que vem aos encontros não é sempre o mesmo, visto que em dias diferentes eles tem imprevistos diferentes.

O passo seguinte é pensar nas casas que formarão o percurso do tabuleiro. J. sugere “por que não escolher a casa que queremos começar?”, propondo a linha inicial do jogo e, metaforicamente, onde a vida deles começaria a ser representada no tabuleiro. Le. brinca, dizendo “Vamos pegar uns recortes aqui e entregar para você resolver (se referindo a mim). Tipo ‘resolve nossa vida ai.’”. Diante da provocação, sorrio e digo “Eu resolver? Eu não vou resolver nada.” E logo ele dispara: “Então tudo isso era uma mentira?”. Todos caem na risada, inclusive Le. e eu.

Nesse momento, a brincadeira feita por Le. nos leva a pensar sobre as práticas historicamente consolidadas da Orientação Vocacional que compõem o nosso imaginário a respeito desse lugar¹⁵, do que esperar de um grupo que apresenta como proposta pensar as escolhas e dilemas profissionais, do que esperar do profissional que conduz esse grupo. Existe um contexto histórico, com sentidos sedimentados, que compõe o horizonte dessa pesquisa, assim como prescrições sobre como fazer, tanto para o participante quanto para o pesquisador. “Aquele que se encontra em dúvida acerca da profissão a seguir muitas vezes procura um profissional que, segundo ele acredita, poderá encaminhá-lo de forma correta e inequívoca à sua escolha.” (FEIJOO, MAGNAN, p. 112, 2013) Mas será que cabe dizer que era isso que estávamos fazendo todo esse tempo? Que de alguma maneira estávamos orientando vocações? Será que é possível sustentar o nome “Orientação Vocacional” para uma prática nesse campo que seja de inspiração fenomenológica-existencial?

Vejamos. Como orientar permaneceria com o mesmo sentido e espaço diante de uma aposta de desvelamento de sentidos, de múltiplas verdades, de inúmeros caminhos a serem destruídos e construídos junto com aquele que busca ajuda, ao invés da ortopedia de uma certeza? E a vocação em seu sentido tradicional, o que poderia ela fazer a partir *dasein*, entendendo o modo de ser do homem como esse estar lançado, sempre em jogo na sua existência? Onde essa noção faria morada, que não a céu aberto (já que somos abertura)? Como ela poderia se proteger do desgaste de cada encontro, do esfarelar-se e perder-se, porque de fato nunca foi permanente, mas apenas temporária, assim como tantas outras identificações? Ela não poderia. Não resistiria a tudo e continuaria sendo a mesma. Diante

¹⁵ Algumas dessas práticas foram apresentadas, de forma sucinta, no item 3.2. Sobre a técnica (e as Práticas de Orientação Vocacional/Profissional).

disso, abandonamos então mais um nome, não mais orientaremos vocações. Faremos o que então?

Inspirada no trabalho de Feijoo e Magnan (2013), entramos no universo da Análise da Escolha Profissional, onde análise se relaciona com “(...) tecer e destecer a trama social que, na maioria das vezes determina escolhas, restringindo-as, e assim, poder abrir espaço para que o *analizando*, em seu caráter de poder-ser, ganhe a liberdade de determinar-se (...)” (FEIJOO, MAGNAN, p. 109, 2013); enquanto a noção de escolha, conforme dito anteriormente, tem a ver com o trânsito num universo de opções que se apresentam, a partir das condições fáticas da existência, tendo como condição de possibilidade a abertura propiciada pela decisão.

A condução do processo não aposta na definição de técnicas precisas, garantidoras de um resultado, mas, partindo da noção de Círculo Hermenêutico, desenha movimentos de reconstrução, desconstrução e construção junto ao analisando. Abandonando a expectativa de um manual sobre como fazer, caminhamos tendo esses 3 momentos como norteadores, segundo os quais reconstrução fala sobre compreender o lugar de onde o outro parte, suas certezas, suas dúvidas, seu campo de significados, buscando “tematizar as estruturas sedimentadas no horizonte da técnica que nos encontramos (...)” (FEIJOO; MAGNAN, p. 113, 2013); a desconstrução aproxima-se do exercício da *epoquè*, suspendendo o Círculo Hermenêutico no qual nos encontramos, desnaturalizando os sentidos cristalizados e, com isso, liberando espaço, abrindo a possibilidade para que novos sentidos se dêem, novas compreensões de mundo possam se construir, chegando então ao terceiro momento, a construção. Nesse momento, abre-se para o analisando a possibilidade de se recriar, se reposicionar diante si mesmo e do mundo, lembrando do seu caráter de poder-ser, de abertura primordial. Cada um desses momentos não constituem etapas ou degraus a serem conquistados, mas se apresentam durante o curso dos encontros, sem ser necessária uma linha cronológica entre eles. Tratam-se de norteadores da nossa conduta enquanto pesquisadoras e terapeutas, relacionando-se às nossas intervenções.

Do ponto de vista das atitudes do analista, é interessante notar que esses três movimentos requerem posturas diferentes. Diante da reconstrução, há que se estar aberto para acolher e costurar, junto com o analisando, os sentidos que localizam sua experiência até ali. Na desconstrução, o exercício de suspensão fenomenológica (*epoquè*) entra em jogo, quando aquele que escuta e acolhe adota uma atitude antinatural, de estranhamento diante daquilo que aparece, promovendo a abertura/o deslocamento dos sentidos sedimentados, não se deixando

levar pelo que é dado como óbvio. Por fim, na construção não cabe ao analista orientar ou dizer que novos sentidos por no lugar. A ele cabe abrir espaço, acompanhar e devolver ao analisando a responsabilidade pelo seu existir, para que ele tenha a possibilidade de se apropriar das suas escolhas, de singularizar sua existência.

Refletindo sobre a condução do grupo terapêutico dessa pesquisa a partir das atitudes nesses três momentos, podemos dizer que, nessa mudança de posição, não nos cabe mais o lugar de especialista que diz sobre algo, que ensina, que orienta, que detém o conhecimento e a verdade sobre o outro. Estamos aqui mais próximos da condição do poeta, através de quem algo pode se fazer dizer. Trazendo o que foi dito a respeito da hermenêutica, a interpretação nesse contexto não significa debruçar-se sobre o assunto e esmiuçá-lo, mas oferecer morada, dar passagem, ser abertura que acolhe aquilo que emerge ao nosso encontro, acompanhar o outro no percurso que é do outro, e cuidar de forma a permitir que a responsabilidade de seus passos retorne para ele.

O esforço que fazemos ao apresentar outra compreensão possível acerca de vocação e carreira, e outra forma de intervenção no âmbito das escolhas profissionais, é na direção de reconectarmos essa experiência do mundo do trabalho com a existência. É tentar estabelecer uma relação de liberdade com o nosso círculo hermenêutico, calcado na era da técnica, na lógica da produtividade, da utilidade, onde o mundo se desvela enquanto recurso e nos apresenta a ilusão de caminhos sólidos para alcançar o sucesso, para resgatar o sentido de se construir e se colocar no mundo através da atividade que escolhemos exercer. É entender que a escolha de uma profissão coloca em jogo o dilema das escolhas existenciais, diante da abertura que somos, de modo que elas não se limitam a serem entendidas como certas ou erradas, garantidoras ou não de um futuro promissor. Elas são feitas diante de um campo de possibilidades fáticas, da maneira que nos é possível, e sustentadas e reafirmadas a cada exercício. Nesse contexto, não nos sobram muitas garantias a respeito do que optarmos fazer. Em última instância, a escolha profissional é um salto que requer mais coragem que certeza, e mudar depois disso, abandonar antigas opções, fazer novas escolhas, ter novas dúvidas e angústias não constituem a falha do percurso, mas compõem o próprio caminhar no jogo do existir.

5.3.1) Sobre o lugar de pesquisadora

No dia em que aconteceu o nosso décimo segundo encontro, durante a reunião para escrita do diário de campo¹⁶, M. (a estagiária) comenta animada que o jogo estava ficando muito bom e que ela gostaria de jogar, mas pensa que como o lugar diz respeito à tematização da vida dos participantes, jogar colocaria a existência dela como tema, tirando do foco os participantes. M. acredita que o grupo não é lugar pra isso, afinal, éramos as terapeutas e não poderíamos ter nossas vidas como tema naquele espaço. Esse posicionamento firme de M. me fez pensar sobre o lugar de pesquisadora em uma pesquisa fenomenológico-existencial. Sobre as nossas vidas ali, se elas estão em jogo e como estão. O que estamos fazendo e, mais importante, como estamos fazendo? Quais efeitos das nossas práticas? Era o momento de refletir sobre os nossos lugares ali.

Sempre estive muito claro para mim que não estávamos nos propondo a seguir um modelo de neutralidade científica clássica nesse processo. Tanto nas nossas posturas quanto nas nossas intervenções, estávamos em jogo também, pois apesar de habitar um lugar diferente, não se tratava de uma posição de susposto saber; o objetivo não era testar uma teoria nova sobre orientação profissional para ao final checar seu funcionamento ou não. O percurso deveria ter mais a ver com construir junto uma proposta de intervenção distinta, uma aposta ética que devolvesse àqueles participantes a responsabilidade e protagonismo em suas decisões.

Dito isto, e agora? A gente joga o jogo com eles ou não? Por que? Quando saímos do registro das obviedades, essas perguntas se mostraram na verdade nada simples de responder. Se a ideia é que fazemos parte do grupo e que o tabuleiro de jogo da vida é do grupo (e esse foi um aspecto bem sublinhado por nós na elaboração da dinâmica), como ficar de fora observando a construção e anotando os eventos? Não somos parte do grupo? Não parece que agora só faltaria colocar um vidro entre nós e o grupo, para concretizar essa distância que nos separa? Por outro lado, como jogar se aquele espaço terapêutico tem como tema a vida e as angústias daqueles participantes? É o momento das questões deles serem cuidadas, e jogar não seria querer fazer terapia junto e ocupar um lugar que ali não nos cabe?

Será que existe um meio termo? Será que precisa existir um? Poderíamos jogar sob regras distintas? Nossos peões com aspectos diferenciados, para marcar nossas posições

¹⁶ Após cada encontro, eu e M. reservávamos uma hora para escrita do diário de campo, afim de registrar não apenas os acontecimentos do grupo naquele dia, mas as nossas impressões, dúvidas e reflexões a respeito do que havia acontecido.

diferentes ali? Se é para seguir outras regras, será que precisamos jogar? Vamos voltar ao objetivo: a dinâmica foi proposta para explorar o que eles trariam como presente na vida deles, e o que deixariam de fora, como construiriam o caminho de jogo, como apresentariam isso em um tabuleiro. Se é que a forma tabuleiro se manteria. Ao final, a proposta era desconstruir os pressupostos sobre vida, carreira, vocação, escolhas, promover deslocamentos, abertura – o que poderia acontecer no próprio fazer do tabuleiro, não necessariamente esperar por um final. De fato, tudo podia acontecer, e tínhamos muitos elementos em jogo: a essa altura, são 7 pessoas envolvidas – por que colocar mais 2 seria importante? E essas duas sendo nós. Era demais. Era excesso. Era, no começo, para ser só uma piada, um comentário desprezioso, mas pensar sobre isso foi fundamental para a nossa construção enquanto pesquisadoras naquele momento.

Nesse universo fenomenológico-existencial, estamos (eu e M, a estagiária) mais habituadas ao ser-terapeuta, sempre lendo e tematizando esse lugar, mas quando há um deslocamento para o ser-pesquisadora, há também a saída para uma zona que pouco conhecemos, a respeito da qual pouco falamos. Zona esta que nem eu, nem M. havíamos habitado antes dessa pesquisa. Tudo que acontecia naquele espaço nos parecia novidade, queríamos apreender todos os detalhes e conversar sobre cada um deles. Em cada passo, tomamos a decisão de construirmos juntas, além de junto com o grupo, o processo terapêutico que se desenhava ali, atravessa pelo tema das escolhas profissionais.

Dessa forma, incluir nossas incertezas, dúvidas, equívocos e tropeços no escrever dessa pesquisa não teve como propósito fazer dela um confessionário. Estamos aqui fazendo menos um pedido de desculpas e mais um reconhecimento daquilo que compôs o nosso percurso, pois cada passo que demos enquanto grupo foi o que fez dessa pesquisa o que ela se tornou. É verdade que não há como dar conta de transcrever todos os eventos que ocorreram, detalhando cada observação; a vida transborda e nos exige recortes, mas estes não tiveram como objetivo deixar de fora o que consideramos inadequado ou falha do processo, mas ao contrário, foram justamente os momentos que fugiram ao planejado que nos lembravam a nossa aposta filosófica. Foi o imprevisto que pavimentou esse percurso, e a vontade de enquadramento à qual correspondemos foi tematizada, mobilizada, deslocada, abrindo espaço em nós para a possibilidade de sermos também pesquisadoras fenomenológicas-existenciais.

6. Epílogo

Era uma terça feira chuvosa, próximo às 19h (porque havíamos mudado o horário por solicitação da maioria), no Campus Gragoatá da UFF. Já estava escuro e enquanto eu caminhava rumo à sala onde os encontros do grupo aconteciam, me perguntava se as pessoas viriam. É sempre um problema unir chuva e presença nesse lugar, acho que o clima bucólico e frio que se estabelece faz com que as pessoas simplesmente prefiram não estar ali. Talvez o campus combine mesmo é com o sol, e aquela brisa no fim de tarde, já que fica à beira da Baía de Guanabara.

Além disso, minha preocupação com as possíveis faltas carrega outra motivação. Esse seria o último encontro do grupo – o 20º, e esta foi uma decisão coletiva. Os últimos encontros que tivemos, principalmente após o recesso do mês de outubro, estavam sempre mais esvaziados que de costume, contato com dois ou três participantes, quando não apenas um. Este movimento culminou no que seria o nosso 18º encontro, quando ninguém apareceu, além de mim e M., a estagiária.

Os motivos das ausências eram variados, mas via neles algo em comum: ir ao grupo estava cada vez mais difícil porque, cada um dos participantes, ao seu modo e considerando seu momento, se debruçava sobre suas questões de carreira em outros espaços. Le., por exemplo, estava empenhado em finalizar e defender sua monografia. Focado nisso, não conseguia encontrar brecha para mais nada que não fosse percorrer o trajeto final dessa maratona que foi a graduação. L., por sua vez, estava na porta da qualificação do Mestrado, precisava finalizar o texto que apresentaria para a banca, além de muito atarefado com as aulas que dava e das quais tanto gostava. M. estava imersa nos estágios, descobrindo novas experiências e ganhando fôlego, enquanto R. concluiu a sua graduação e, por morar distante da faculdade, estava difícil vir apenas para o grupo.

As explicações se acumulavam, junto com o esvaziamento desse espaço, e foi quando, ao invés de ser abatida pelo desânimo, me ocorreu uma outra possibilidade: talvez o grupo já tenha, de certa forma, cumprido seu papel. Ainda que não tenhamos traçado um objetivo a alcançar, ainda que tenhamos deixado o percurso nos guiar e decidido construir juntos do que iria se tratar esses encontros, talvez esse movimento anunciasse que construímos sim algo nesses espaços, e que agora é hora de seguir para outros, já que em nenhum momento pretendi esgotar ou dar conta dessas questões nessa pesquisa. Talvez seja isso que esteja sendo comunicado aqui, ainda que ninguém tenha colocado nessas palavras. Compartilho o pensamento com M., a estagiária, e ela parece concordar. O que fazer então? Não podemos adivinhar o que se passa na cabeça de cada uma daquelas pessoas, nem simplesmente supor que é isso mesmo e tomar alguma decisão unilateral. O grupo é nosso, e para agir nesse sentido opto por devolver esse sentimento ao grupo, interrogando-os se se sentiam da mesma forma, que já finalizamos.

Dada a dificuldade de reunir a todos, envio a eles uma mensagem através do nosso grupo de Whatsapp com o seguinte texto:

“Oi pessoal. Conversando com a M. e D. na última terça feira, ficamos com a sensação de que o grupo está finalizando.

Esse é um processo natural, e fico feliz em ver que, em geral, as pessoas que foram saindo o fizeram para dar conta de suas vidas e escolhas profissionais. Da mesma forma, a dificuldade que vocês tem apresentado para estar no grupo também deriva da dedicação ao momento da vida em que se encontram, seja porque estão formando, seja por estarem qualificando, seja por conta de estágios, pesquisas...

Por isso, vejo que, de alguma forma, esse espaço que construímos juntos cumpriu sua função: de trocas, compartilhamento, apoio e tematização dos dilemas de profissão. O objetivo não era dar conta de todas as questões, mas termos um espaço para pensar sobre os lugares em que nos encontramos e nos apropriarmos um pouco das escolhas que fazemos.

Gostaria de saber de vocês se compartilham desse sentimento. Em caso positivo, gostaria muito de fazer um último encontro da oficina com todos vocês, para encerramos o grupo, já que continuar a pensar sobre isso e lidar com essas questões são coisas que transbordam o nosso espaço.

Espero a resposta de vocês. =)”

A resposta que tive após essa mensagem foi de concordância unânime, e todos pareciam dispostos para um encontro final. E assim chegamos nesse dia.

Um a um, os participantes foram chegando (exceto L. e K.), se cumprimentando como velhos amigos. Depois de tantos encontros e de compartilhar tanto de suas vidas, fica a sensação de que se tornaram amigos. Eles vão se sentando, em conversas paralelas, e eu fico pensando por alguns segundos sobre a finitude das coisas. O nosso último encontro estava acontecendo – e seria o último. Apesar de carregar consigo o peso das coisas que findam, trazia junto uma ideia de abertura, como se o fim fosse ao mesmo tempo a liberação de espaço para que novas coisas pudessem surgir, na vida deles e na minha.

Aos poucos, os assuntos entre eles vão silenciando e, como de costume, se voltam para mim. Dou as boas vindas e faço um pedido: que neste dia eles nos dessem um retorno do que acharam do percurso até aqui, que sentidos o grupo teve para eles e como essa experiência compôs com a vida e os dilemas que eles trouxeram. A ideia era mesmo fazer um fechamento do ciclo, não para listar os resultados alcançados, mas compreender que sentidos foram costurados ali.

Le. iniciou falando que gostou muito da experiência do grupo. Que ele não se imaginava num espaço como esse, que veio a princípio por sugestão da irmã (M, também integrante do grupo), mas que se surpreendeu com os acontecimentos ali. Na sua experiência, toda vez que alguém falava que outra pessoa estava “filosofando demais”, sempre era num sentido pejorativo, como se aquilo não tivesse nada a ver com a vida ou fosse perda de tempo, mas nesse espaço ele descobriu que às vezes tudo bem filosofar um pouco, que pode ajudar. Sobre seus dilemas, Le. conseguiu finalizar a monografia e vai concluir a faculdade de Geofísica. Nesse tempo, tem estudado outros assuntos de seu interesse, relacionados ao mercado financeiro, além de estar realizando alguns free-lancers, convidado por amigos, na área em que se formou. Parece que após a decepção com a área que escolheu atuar, Le. está construindo novas alternativas e explorando outras possibilidades profissionais.

Logo em seguida, M., a estudante de Psicologia, comentou como o grupo foi importante para ela. Fazendo terapia individual em paralelo, contou sorrindo que dia de grupo era dia de dose dupla terapêutica. Disse que está bem mais tranquila diante da demanda do mundo de que ela precisa escolher tudo nesse momento e construir a vida enquanto jovem. Decidiu esperar e ir com calma, experimentando as opções que ela tem. Nesse sentido, iniciou o estágio no SPA e está engajada com essa nova descoberta. Diz que sua insegurança em relação às escolhas melhorou a partir do momento que se posicionou, definindo que não iria se desesperar por causa da demanda do mundo.

Foi então o momento de R. contar sobre sua vida. Ele, que no início do grupo estava “a exatos quatro meses para se formar e não fazia a menor ideia do que fazer” agora estava formado e com um plano de ação em movimento. R. decidiu fazer um intercâmbio. Conversando com os pais sobre suas questões após se formar, essa viagem se abriu como possibilidade e ele agarrou com todas as forças. Pesquisou para qual país iria, onde ele teria oportunidade de trabalhar com visto de estrangeiro, onde seria mais legal de estudar, que idioma ele gostaria de aperfeiçoar, e considerando todas as exigências que tinha x orçamento disponível, optou pela Irlanda e estava bastante contente com o caminho que se abria. Segundo ele, vai ter a chance de melhorar no inglês, ter uma experiência internacional, se qualificar melhor e ganhar tempo antes de enfrentar o mercado de trabalho brasileiro. Estava satisfeito também com a possibilidade de trabalhar por lá e não depender exclusivamente do dinheiro dos seus pais.

J. por sua vez, decidiu terminar a faculdade de Biologia. O momento de crise com o que estudava estava passando e ela conseguiu se reconectar com os motivos que a levaram para a Biologia em primeiro lugar. Conta que fez uma viagem para Viçosa (BA) que deslocou tudo que ela estava sentindo e pensando, abrindo para ela uma possibilidade de vida que ela achava que não existia. A ideia de uma vida mais tranquila, longe dos grandes centros urbanos, longe das demandas de produtividade e necessidade de ganhar muito dinheiro, num lugar onde ela pudesse andar devagar pelas ruas, realmente aproveitando o dia, foram elementos que a tocaram durante essa viagem, que acabou sendo como um divisor de águas. Em sua relação com a Biologia, lembrou o quanto gostava da parte de sustentabilidade ambiental, e acredita que conseguirá juntar isso ao estilo de vida que decidiu apostar.

Por fim, chega o momento de D. compartilhar como anda sua vida. Ela chega no grupo diferente, com novo corte de cabelo e outra postura, se colocando mais. Ela chamou isso da “crise dos 23 anos”. Seu aniversário tinha sido a poucos dias atrás e, segundo D., ela não fez nada do que gostaria de fazer, especialmente porque não havia dinheiro para tal. Ela queria muito viajar e fazer uma tatuagem, mas como o dinheiro só dava para cortar o cabelo, foi o que ela fez então. E gostou muito do resultado, não parando de jogá-lo de um lado para o outro. Como tinha um cabelo bem comprido, pediu à cabeleireira que desse a ela a parte que foi cortada, pois queria doar. Conta como chegou em casa e ficou alisando alguns minutos o cabelo cortado, afinal era uma parte dela que estava ali. Fala que, apesar de achar isso um pouco fúnebre, fazia mesmo assim. Na narrativa de D., parecia que ela estava se despedindo de quem era, e o cabelo era parte dessa pessoa, então pergunto a ela se era isso que estava

acontecendo. Ela confirma, dizendo que parecia mesmo uma despedida, que ela estava agora num outro momento.

Sobre suas dúvidas de qual área de Psicologia seguir, D. parece também já ter encontrado um norte e diminuído sua ansiedade. O medo de se formar sem experiência em nada reduziu bastante desde que iniciou um estágio em Saúde Mental. Tem conversado bastante com colegas que fazem Mestrado e vislumbrado a possibilidade da atuação em hospital também. Tem reunido muitas informações e descoberto afinidades inesperadas. Até a greve da UERJ foi resignificada nesse processo, pois o que antes era um entrave que não a permitia se formar, agora aparece como algo positivo, que a permite ganhar tempo para explorar mais opções antes de escolher.

Quando pergunto se ela acha que o grupo a ajudou de alguma forma, se teve algum efeito nas mudanças que ela conta, ela diz que com certeza. Conta que para algumas certezas que ela tinha, o grupo acabou bagunçando tudo mas, ao mesmo tempo, que outras possibilidades se abriram – e ela ainda não sabe bem o que fazer com elas. Contudo, ao invés de transparecer ansiedade, sorri e age como se isso fosse uma coisa positiva em sua vida. Acrescenta ainda que tiveram alguns pontos na sua vida que o grupo ajudou a organizar, que muitas vezes os outros participantes falavam coisas sobre as quais ela nunca tinha pensado, e isso foi muito bom. Retomando a sua metáfora da vida enquanto cubo mágico, foi como se o grupo ajudasse a colocar alguns quadradinhos da mesma cor juntos, do mesmo lado, ainda que bagunçando os outros. Viu que escolher uma carreira engloba um monte de coisas, o que você vai decidir fazer, a sua família, está na verdade tudo interligado. Hoje ela vê conexões entre as coisas, não é mais linear, então não tem tanto problema termos quadradinhos com cores diversas espalhados pelo nosso cubo.

Bastidores

A decisão de realizar esse projeto em grupo partiu da compreensão heideggeriana que ser-no-mundo é sempre junto-a, é ser-com. Somos ontologicamente ser-com-os-outros, mesmo quando estamos sozinhos, mas de início e na maior parte das vezes, não nos damos conta disso. O nosso horizonte histórico de sentidos sedimentados traz uma aposta na individualidade como modo de ser e estar no mundo preponderante, de forma que todas as questões precisariam ser resolvidas no âmbito privado. Em decorrência disso, a princípio estar num espaço em grupo parece não fazer sentido, quando se pode ter exclusividade de um atendimento particular que resolveria o problema com maior foco e eficácia – como se o grupo caracterizasse um espaço inferior ou superficial para tratar das questões existenciais. (CAMASMIE, 2012).

Dado esse contexto, entendemos que o grupo aparece como um espaço privilegiado para tematizar a nossa existência com os outros. Especialmente para a Psicologia e uma prática de Análise das Escolhas Profissionais, afirmar o grupo como espaço possível para conduzir essa proposta se configura uma aposta política, visto que historicamente estamos falando de dentro de saberes calcados em práticas individualizantes¹⁷. Segundo Camasmie:

(...) é possível que a psicoterapia de grupo se constitua em ponto de resistência ao modo técnico que a contemporaneidade continuamente nos demanda. Através da experiência clínica grupal pode-se colocar em questão os modos vinculares já conhecidos, compartilhar verdades generalizantes e ter coragem de desestabilizá-las na presença de outros olhares, sustentar posicionamentos sem aprovação pública,

¹⁷ Sabendo que apenas estar em grupo não garante que tais práticas não ocorram.

experimental confiar em estranhos e correr o risco de não ser acolhido; enfim, acontecimentos que podem se dar pela presença viva dos outros. (2012)

Precisamos partir de algum lugar

Uma vez resolvido que o grupo terapêutico iria compor esse projeto, as primeiras definições começaram a ser fazer necessárias. Como será o grupo? Terá mínimo de participantes? E máximo? Onde será? Como divulgar? Onde divulgar? Quem irá participar? Muitas perguntas que não paravam de se desdobrar, criando um cenário imaginário esmagador, cada vez mais difícil de se fazer algo a respeito. Eu nunca havia conduzido um grupo terapêutico, e o levantamento bibliográfico já tinha feito a sua parte, ido até onde era possível ir, era hora de fazer o grupo acontecer, ou ele jamais sairia do papel.

Primeira decisão foi pensar na divulgação: que público eu gostaria de ter ali? Quem se interessaria em fazer um grupo terapêutico? Será que alguém se interessaria? A única coisa que havia com clareza é que seria interessante se conseguisse passar dos muros da psicologia. Vamos então divulgar na internet, nas redes sociais, vamos descobrir se tem mais alguém pensando e se angustiando com essas questões. É preciso fazer essas ideias circularem por algum lugar. Calma. Não é assim. Ter um grupo terapêutico num projeto de pesquisa não é apenas reunir as pessoas numa sala do SPA da UFF, existe a construção de um saber em jogo, muitas linhas disputam e se entrelaçam para dar lugar a uma pesquisa como essa. Conversas com o orientador, encontros no grupo de pesquisa, disciplinas obrigatórias, e a gente descobre que são necessárias avaliações e aprovações, do SPA, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A gente descobre que existe uma lei. É uma pesquisa com seres humanos. Não havíamos nos dado conta disso, dessa forma.

Já imerso nas engrenagens da burocracia, assinaturas, definições, esse projeto parecia cada vez mais distante de acontecer. A cada hora um novo procedimento se apresentava, e mais um prazo precisava ser respeitado, e outras pessoas precisavam avaliar o que é isso que você está propondo. Nessa hora, tudo parece conspirar contra e até dos professores a gente recebe alguns discursos desanimadores. “Olha, o CEP não aprova projetos assim.” Por “assim” ela queria dizer fora dos padrões científicos tradicionais. E eu ficava ali, me perguntando quem é que estava nessa banca avaliando. Não era possível que ainda hoje fossem tão conservadores. Ou era? As notícias que chegavam eram de que projetos com apenas levantamento bibliográfico não enfrentavam muitas barreiras, mas quando se tratava

de grupos, ai eles queriam que definíssemos até os possíveis efeitos colaterais do processo. Mas eu não sou farmacêutica, não estou propondo remédio algum. Será que eles sabiam que eu não estava? Será que se esperava que essa fosse mais uma forma de medicalizar a vida? Escrevi então que o efeito colateral era abrir espaço para instauração de angústia existencial. Mas tudo bem, ela se instaura na gente de qualquer forma mesmo, basta estarmos jogados na existência.

Enquanto respondia a esses questionamentos formais com certa dose de rebeldia, pensava em como todas aquelas coisas que a gente estudava se materializavam em um formulário, que eu precisava preencher, ou não haveria pesquisa. Mas será que eu precisava preencher? Ouvi também em outros corredores que existia um posicionamento político em jogo na escolha de submeter ou não uma pesquisa ao CEP. Entendendo que a forma de avaliação deles não contempla o que entendemos e apostamos enquanto ética, era possível afirmar que este Comitê de Ética não nos representava, desenhando nossa pesquisa por outras vias que não dependesse dele. Claro que esse posicionamento diante de um órgão instituído teria consequências, como tudona vida tem, mas não era nisso que eu pensava. Eu queria passar por esse processo, inclusive como posicionamento político. Eu queria escrever para eles um trabalho de base fenomenológica-existencial, com grupo terapêutico, com aposta ética, e queria saber o que eu ia receber como resposta. Ao meu ver, privar esses espaços das nossas pesquisas só vai fazer com que ele permaneça mais do mesmo, reforçando os sentidos que eles já conhecem, não promovendo nenhum ponto de inflexão, nenhuma abertura. Não queria perder essa chance.

Paralelo a isso, eu ia supondo que tudo daria certo, e para quando desse, era preciso ter um plano. O mínimo, e sem muito apego, pois o nosso horizonte filosófico não tem espaço para uma linha reta de A a B, intransigente e fixa. Sem saber muito bem o que esperar, eis que a primeira ideia se estrutura: divulgação pela internet¹⁸, em redes sociais, que foi sendo compartilhada por amigos, amigos de amigos, grupos de amigos. Criamos um e-mail para receber resposta dessa divulgação, para saber afinal quem toparia essa jornada com a gente. Se é que alguém toparia.

Feitos os primeiros contatos, tivemos 15 pessoas interessadas, era o momento de decidir quando e onde. Optamos por deixar o quando para que o grupo escolhesse, para que

¹⁸ A divulgação utilizada está no Anexo 1

desde já fossem entendendo que as regras são construídas coletivamente – ainda que este formato seja mais trabalhoso e demorado, o grupo que se forma já começa com a primeira decisão nas mãos. Das 15 pessoas inscritas, conseguimos um consenso com 10. Terças, de 17h às 18:30h. E ser 1:30h de duração foi arbitrário mesmo. Informamos que a data de início e local seria divulgado posteriormente, contando apenas que aconteceria no SPA da UFF. Com as estagiárias, decidimos que a princípio o grupo teria a duração de 6 meses, podendo prolongar por mais 6. A ideia era parar nesse ponto para avaliarmos o percurso percorrido e então, juntos, decidirmos se faria sentido termos mais 6 meses de encontros ou se até ali já estava o suficiente. Parecia que enquanto aguardávamos o aval para acontecer, o grupo já estava acontecendo.

Primeira reunião

Com cada escolha sendo pensada para ser tomada coletivamente, parecia ser óbvio que “em grupo” era a forma como queríamos funcionar, mas logo escorregamos, nos apegando àquilo que estávamos tentando nos afastar. Explica-se: o primeiro momento de encontro com as pessoas que se voluntariaram tinha como objetivo esclarecer do que se tratava o projeto, localizando questões práticas como o fato de fazer parte de um Mestrado e que as informações ali colhidas seriam utilizadas, garantindo o sigilo a respeito da identidade das pessoas. Incluso nesse primeiro momento, haveria a assinatura do TCLE¹⁹ e uma breve esplanção das pessoas acerca dos motivos que as levaram a querer estar no grupo. Muito bem, para isso, pensamos então em entrevistas individuais. Parecia óbvio e dado que as pessoas se sentiriam mais a vontade para falar nesse primeiro contato se fosse uma de cada vez, numa salinha.

Em encontro posterior com as estagiárias, conversando sobre a composição do grupo e primeiros passos, me dei conta que essa decisão não parecia tão óbvia e dada assim. De fato, ela não fazia nenhum sentido. Coloquei para as meninas “Por que mesmo vamos fazer essa primeira etapa de forma individual?” A dúvida no olhar delas não me respondia se era porque eu perguntava o óbvio ou se para elas também aquilo não fazia mais sentido. Por fim, tematizamos o assunto e concluímos que, se é para ser grupo, que o fosse desde o primeiro momento.

¹⁹ O TCLE está no Anexo II

Seguimos então definindo quais formulários iríamos utilizar e que formato eles teriam. Era preciso uma Ficha de Inscrição²⁰, para que tivéssemos as informações básicas sobre os participantes e o que mais considerássemos importante num grupo que pensa carreira. Olha o perigo: como saber o que é preciso saber quando vamos trabalhar com a carreira das pessoas? Será que a configuração familiar faz diferença? E as condições financeiras? Cor ou Sexo? E como perguntar cada item desse, sem configurar preconceito, sem invisibilizar, sem ofender? Criar uma Ficha de Inscrição nunca me pareceu tão problemático. E em três, concordamos e discordamos, incluímos e riscamos itens, debatemos até cansar.

Foi quando nos demos conta que precisávamos ajustar a pergunta: o objetivo era deixar bem mapeado tudo que fosse determinante na escolha de uma carreira (e aqui, indo contra tudo que a fenomenologia-existencial aposta) ou era ajudar a construir o horizonte do qual cada pessoa partia, com informações que poderiam ser colocadas em jogo ou não, dependendo do que surgisse como questão nos encontros? Feito esse deslocamento, a sensação foi que um peso saía dos ombros: não precisamos decidir o que influencia ou não na escolha de cada um. Lembra? Fenomenologia. Vamos lidar com o que aparecer.

Além disso, separamos uma folha para as “Regras” que, propositadamente em branco, seria onde pactuaríamos em conjunto, no primeiro dia, o que era importante que seguíssimos para que o grupo acontecesse de forma minimamente organizada.

Tudo ia bem, apesar das muitas pausas e reflexões, o processo me fez amadurecer e desejar ainda mais formar aquele grupo. E ter estagiárias completava essa experiência. Mas porque mesmo que elas estavam ali? Em conversa com essas duas meninas, N. e M., contando sobre o projeto de pesquisa que se iniciaria e o que eu estudaria durante o Mestrado, pude compartilhar a empolgação com o tema e vi nelas a vontade de também participar desse processo. Então, em reunião com meu orientador, perguntei o que ele achava da possibilidade de abrir uma vaga de estágio, explicando já o cenário que essa possibilidade me ocorreu. Assim como a princípio não existiu razão metodológica para incluir estagiárias, também não existia para não tê-las. Dessa forma, ficou combinado que la estariam, mas ao final das contas, apenas M. pôde continuar no projeto.

Foi dada a largada

²⁰ A Ficha de Inscrição está no Anexo III

Após a organização de como o grupo aconteceria, com formulários prontos, sala reservada no SPA e estagiária ansiosa para começarmos, faltava apenas a aprovação do CEP para iniciarmos os encontros. Tanto tempo já havia passado desde a primeira submissão do projeto na Plataforma Brasil, que ocorreu em novembro/2015, que por algumas semanas eu esqueci que aguardava esse retorno com tanta ansiedade. Havia feito as modificações necessárias solicitadas no primeiro parecer e então, em abril/2016, finalmente, veio a resposta da aprovação. Num misto de incredulidade com alegria, imprimi o parecer para ler com meu orientador, checando item a item se estava realmente tudo certo para a pesquisa acontecer. Estava. Incacreditavelmente. E aquilo era só o começo da jornada. (volte para a página 10)

Bibliografia

ALVES, Paulo Eduardo Rodrigues. **O método fenomenológico na condução de grupos terapêuticos**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 150-165, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000100009&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 19/02/2016.

BALBINOTTI, M. A. A. **A Noção Transcultural de Maturidade Vocacional na Teoria de Donald Super**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 16, n° 3, pp. 461-473, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a05.pdf> Acessado em 31/03/2016

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, M. L. T. Capítulo 21: a escolha de uma profissão. In: BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. e TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 307-329.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica**. 2001. 193f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218772&fd=y> Acessado em 04/02/2016

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 1977.

CAMASMIE, A. T. & SÀ, R. N. **Reflexões fenomenológico-existenciais para a clínica psicológica em grupo.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 12, n. 3, 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8231/5990> Acessado em: 02/02/2016.

CAMASMIE, Ana Tereza. **Psicoterapia em grupo na abordagem fenomenológico-existencial:** contribuições heideggerianas. 2012. 226f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/index.php/producao/8-noticias/94-prodtese2012> Acesso em 20/01/2016

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A existência para além do sujeito.** 1ª edição. Rio de Janeiro: IFEN, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; MAGNAN, Vanessa da Cunha. **Análise da escolha profissional:** uma proposta fenomenológico-existencial. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 32, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12/01/2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ciência e pensamento do sentido.** In Ensaios e Conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. p. 39-60, 2012. 8ª edição. Petrópolis: Vozes.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes. 2009.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica.** Scientiae Studia. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade.** Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa, Instituto Piager. 2000.

MAGNAN, Vanessa da Cunha. **Análise da escolha profissional:** diálogos necessários e caminhos possíveis. 2013. 103f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5824 Acesso em 12/01/2016.

MAGNAN, Vanessa da Cunha; FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **Análise da escolha profissional.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2013.

MELO-SILVA, Lucy Leal; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. **A orientação profissional no contexto da educação e trabalho.** Rev. bras. orientac. prof, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2004. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23/03/2015.

OLIVEIRA, Marina Cardoso de; MELO-SILVA, Lucy Leal; COLETA, Marília Ferreira Dela. **Pressupostos teóricos de Super: dados ou aplicáveis à psicologia vocacional contemporânea?**. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo , v. 13, n. 2, dez. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200009&lng=pt&nrm=iso Acesso em 13 /01/2016.

SÁ, Roberto Novaes. **Contribuições da fenomenologia hermenêutica para uma meditação sobre o sentido da psicoterapia**. In: Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia. Org: Henriette T. P. Morato e Paulo Eduardo R. A. Evangelista. 1ª edição. Rio de Janeiro: Viavéritas. 2016

SANTOS, Jandir Silva dos. **A hermenêutica da faticidade no pensamento heideggeriano**. BENDRevista de Filosofia da UESB, Bahia, v. 1, n. 1, jan-jun 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2806> Acesso em 07/08/2017.

SPARTA, Mônica. **O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil**. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo , v. 4, n. 1-2, dez. 2003 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01/03/2015.

Quero mudar de carreira. E agora?

As escolhas profissionais como tema.
As dificuldades da mudança em jogo.
O grupo terapêutico como espaço de acolhimento.

Vagas
Limitadas!

Inscrições
Gratuitas.

Gostaria de participar?
Nos conte sua história!

Envie um e-mail para
projeto.carreira.uff@gmail.com contando
porque gostaria de fazer parte do grupo.

Local: Universidade Federal Fluminense – Campus Gragoatá
Rua Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco N, 5º andar – SPA. São Domingos, Niterói.

Anexo 3 – Ficha de Inscrição



Universidade Federal Fluminense
Instituto de Psicologia
Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)
Projeto Oficinas de Carreira



Ficha de Inscrição

Nome: Idade:

Gênero: () Feminino () Masculino Cor: () Branca () Indígena () Preta () Amarela

Estado Civil: Telefone (s):

Endereço:

Anexo 4 – Dinâmica “Os caminhos até aqui”



uff

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Psicologia
Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)
Projeto Oficinas de Carreira



Dinâmica "Os Caminhos até aqui"

Objetivo

Permitir aos que participantes tragam para o grupo aspectos da vida que considerem importante no percurso até aqui.

A proposta é proposadamente vaga, para que eles se sintam livres para escolher o que acharem pertinente ao momento e se sentirem confortáveis em partilhar.

Anexo 5 – Dinâmica “Das coisas que a gente diz”



uff

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Psicologia
Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)
Projeto Oficinas de Carreira



Dinâmica "Das coisas que a gente diz"

Objetivo

Através do retorno às falas dos participantes, ampliar a compreensão a respeito das nossas certezas sobre como deve ser o percurso profissional e o que esperamos da vida.

A proposta visa explorar mais os motivos que os trouxeram até o grupo, trazendo novamente como tema aspectos que foram falados por eles rapidamente.

Anexo 6 – Dinâmica “Jogo da Vida”

		Universidade Federal Fluminense Instituto de Psicologia Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) Projeto Oficinas de Carreira	
Dinâmica "Jogo da Vida"			
Objetivo			
Construção, pelos participantes, em grupo, de um tabuleiro que represente o "jogo da vida" deles.			
A partir do tabuleiro feito, levantar questionamentos visando desnaturalizar os (pre)conceitos, especialmente a respeito do papel das carreiras na vida.			
Descrição			

